



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CAMPUS III
CENTRO DE HUMANIDADES
DEPARTAMENTO DE GEOGRAFIA
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM GEOGRAFIA**

JACKSIEL DA SILVA MAXIMINO

**O ENTRELAÇAR DA ESPACIALIDADE DA CULTURA E A INTOLERÂNCIA
ÉTNICO RELIGIOSA NA CIDADE DE MARI-PB.**

**GUARABIRA – PB
2024**

JACKSIEL DA SILVA MAXIMINO

O ENTRELAÇAR DA ESPACIALIDADE DA CULTURA E A INTOLERÂNCIA ÉTNICO
RELIGIOSA NA CIDADE DE MARI-PB.

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Departamento do Curso de Licenciatura Plena em Geografia, Centro de Humanidades da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito total para obtenção do grau de Graduado em Geografia.

Área de concentração: Geografia Cultural e da Percepção.

Orientador: Prof.^a Dr.^a REGINA CELLY NOGUEIRA DA SILVA

GUARABIRA - PB
2024

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

M464e Maximino, Jacksiel da Silva.
O entrelaçar da espacialidade da cultura e a intolerância étnico religiosa na cidade de Mari-PB [manuscrito] / Jacksiel da Silva Maximino. - 2024.
57 p. : il. colorido.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Geografia) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Humanidades, 2024.

"Orientação : Profa. Dra. Regina Celly Nogueira da Silva, Departamento de Geografia - CH."

1. Produção do Espaço. 2. Cultura. 3. Racismo Estrutural.
4. Intolerância Religiosa. I. Título

21. ed. CDD 261.72

JACKSIEL DA SILVA MAXIMINO

**O ENTRELAÇAR DA ESPACIALIDADE DA CULTURA E A INTOLERÂNCIA
ÉTNICO RELIGIOSA NA CIDADE DE MARI-PB.**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Coordenação do Curso de Geografia da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito total à obtenção do título de Graduado em Geografia.

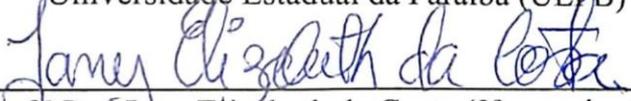
Área de concentração: Geografia Cultural e da Percepção.

Aprovada em: 17/06/2024.

BANCA EXAMINADORA


Prof.^a Dr.^a Regina Celly Nogueira da Silva (Orientadora)
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)


Prof.^a Ma. Maria Aletheia Stedile Belizário (1º examinadora)
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)


Prof.^a Dr.^a Jany Elizabeth da Costa (2º examinadora)
(externa)

GUARABIRA - PB
2024

A minha amada mãe dona Fátima e a minha falecida e querida avó Teresa, por toda dedicação, companheirismo e nunca desistirem de mim juntamente de meus sonhos, ambas estando sempre ao meu lado, assim, a elas com enorme gratidão e carinho **DEDICO**.

AGRADECIMENTOS

Às Professoras Angélica Mara de Lima Dias e Luciene Vieira Arruda, na condição de coordenadoras do curso de Graduação em Geografia, por seus grandiosos empenho e colaboração ao longo do curso.

À professora Regina Celly Nogueira da Silva, pelas leituras sugeridas ao longo dessa orientação, pela dedicação comigo e ao meu trabalho, e principalmente pela estimada amizade e carinho desenvolvida durante o curso.

À minha avó Teresa Luísa da Conceição, por sempre ter ficado ao meu lado durante as madrugadas, incentivando-me a não desistir. À minha tia Índia, por todo o apoio. E à minha mãe, dona Maria de Fátima, por estar sempre de mãos dadas comigo dia após dia nas lutas diárias pelos meus sonhos. Sem ela, esse momento não seria possível. Agradeço a ela por cada esforço para me ajudar e serei eternamente grato por acreditar em mim e me apoiar sempre.

Aos professores do curso na UEPB, em especial à minha primeira orientadora, a professora Iany Elizabeth da Costa, que acreditou e investiu no meu potencial desde o início de sua trajetória na UEPB. Mesmo saindo do departamento de Geografia, ela continua me estendendo a mão, tornando-se uma grande amiga e orientadora para além da academia, a quem tenho um carinho e admiração enorme. Também à Professora Maria Aletheia Stédile Belizário, que foi um anjo ao longo do meu processo formativo, sempre parando para conversar e me ajudar, oferecendo um grandioso suporte no meu crescimento como pesquisador no mundo cultural. Ela é minha inspiração de pesquisador por meio das disciplinas e debates. Agradeço também à Iany e à Professora Regina. Concluo o curso com essas três deusas da Geografia ao meu lado.

Aos funcionários da UEPB, pela presteza e atendimento quando necessário. Aos colegas de classe e aos demais da universidade, pelos momentos de amizade e apoio. Em especial, à Paulina Silva Pereira, do curso de Letras Português, e a Joyce Jerônimo, do curso de Geografia. Elas foram fundamentais para mim, e sempre as terei com grandioso carinho por terem sido luz em meu caminhar na Universidade.

Como agradecimento externo, expresso minha gratidão aos meus ex-professores do ensino médio: Jedicleison, que sempre me apoiou e inclusive me ajudou a ingressar na UEPB, e ao meu querido ex-professor de espanhol, Jocélio, ao qual me acolheu com muito carinho durante a minha pesquisa de campo em seu espaço sagrado de culto religioso (Tenda de Jurema Maria Luziara e Mestre Zé Buíque). Sou grato pela amizade de ambos. Também ao colega da vida acadêmica, o professor Cleiton Nascimento responsável por fazer a revisão deste TCC.

Por fim, mas não menos importante, sou infinitamente grato ao Nosso Senhor Jesus Cristo. Sua infinita bondade sempre foi meu alento, o bálsamo para minha alma e minha mente. Sem a infinita misericórdia dele, nada disso teria acontecido. Creio que todos que passaram por mim e me ajudaram foram instrumentos de suas misericordiosas mãos, cuidando dos meus sonhos. Assim como a minha sempre amada Virgem Maria, que com sua ternura sempre me amparou no cansaço durante as duras noites em que chorei pensando em desistir.

- *Glória a Deus nas alturas, e paz na terra aos homens por Ele amados!*
Glória a Deus nas alturas, e paz na terra aos homens por Ele amados!

Ó Maria concebida sem pecado: Rogai por nós que recorremos a vós!

RESUMO

A produção do espaço é um fenômeno magnífico. No entanto, ao estudarmos de que modo as cidades são edificadas, muito pouco é explorado as raízes sócioespaciais como elementos para a investigação e o entendimento das urbes. Assim, nesse estudo buscamos como objetivo geral, discutir o entrelaçamento da religiosidade com o preconceito étnico-racial sobre o qual se materializa no espaço por meio da cultura enquanto um fenômeno modelador dos espaços urbanos, de modo a usar Mari-PB como recorte geográfico, em especial os espaços de culto afro. Assim, por meio de um recorte histórico, discutimos o racismo estrutural apontado por Silvio Almeida (2022) que, nessa perspectiva de abordagem, passa a ser atribuída à pauta racial na análise da produção espacial como um de seus condicionantes. Metodologicamente, utilizamos a Fenomenologia para compreender a dinâmica da produção espacial; visando aprofundar a discussão dos seus condicionantes, na medida em que essa investigação toma forma e característica qualitativas, tendo por fundamentação e discussão a intolerância religiosa junto a segregação socioespacial sob uma abordagem etnográfica, executada por meio de pesquisa campo. Além disso, a contribuição de Rosendahl (2001, 2009) como uma das principais autoridades dentro dos estudos culturais e religiosos na Geografia, Carlos (2017, 2016, 2011) discorrendo o modo pelo qual os condicionantes constroem os espaços urbanos entre outros, foram indispensáveis para o desenvolvimento dessa discussão. Por meio da presente pesquisa, foi possível constatar que mesmo diante do quadro do país ser predominantemente negro, conforme os dados apontados no censo do IBGE 2022, o país ainda se encontra submerso em um racismo estrutural muito forte. Ao qual, por meio do estudo realizado, pôde ser observado o fenômeno de segregação socioespacial ao qual historicamente, marginaliza a população negra até no âmbito religioso, de maneira a evidenciar um racismo religioso presente na vida dos adeptos das religiões de matriz afrodescendente no país.

Palavras-Chave: produção do espaço; cultura; racismo estrutural; intolerância religiosa.

ABSTRACT

The production of space is a magnificent phenomenon. However, when studying how cities are built, very little is explored of socio-spatial roots as elements for investigating and understanding cities. Thus, in this study we seek, as a general objective, to discuss the intertwining of religiosity with ethnic-racial prejudice, which materializes in space through culture as a modeling phenomenon of urban spaces, in order to use Mari-PB as a geographical area, especially Afro worship spaces. Thus, through a historical perspective, we discuss the structural racism pointed out by Silvio Almeida (2022) which, from this approach perspective, is now attributed to the racial agenda in the analysis of spatial production as one of its conditioning factors. Methodologically, we use Phenomenology to understand the dynamics of spatial production; aiming to deepen the discussion of its conditions, as this investigation takes a qualitative form and characteristic, having as its basis and discussion religious intolerance together with socio-spatial segregation under an ethnographic approach, carried out through field research. Furthermore, the contribution of Rosendahl (2001, 2009) as one of the main authorities within cultural and religious studies in Geography, Carlos (2017, 2016, 2011) discussing the way in which constraints construct urban spaces, among others, were indispensable for the development of this discussion. Through this research, it was possible to verify that even though the country is predominantly black, according to the data indicated by IBGE 2022, the country is still submerged in very strong structural racism. Which, through the study carried out, could be observed the phenomenon of socio-spatial segregation which historically marginalizes the black population even in the religious sphere, in order to highlight a religious racism present in the lives of followers of Afro-descendant religions in the country.

Keywords: production of space; culture; structural racism; religious intolerance.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1. Manifestação sociocultural e multi-religiosa durante a tradicional lavagem da Igreja do Senhor do Bonfim. Salvador, Bahia.....	19
Figura 2. Pinturas religiosas: Orixá Ogum à esquerda e São Jorge à direita: representação da Sincronicidade religiosa dos cultos de matriz africana.....	21
Figura 3. Fotografia de São Jorge no Rio de Janeiro, o santo padroeiro associado a Ogum....	22
Figura 4. Pintura de Samuel George Morton, o pai do Racismo Científico e seu trabalho de craniologia.....	25
Figura 5. Percentual da população brasileira no século XIX.....	28
Figura 6. Fotografia da orixá Iemanjá decapitada na orla de Cabo Branco, João Pessoa - PB como símbolo da marginalização afro.....	33
Figura 7. Fotografia da parte superior do perímetro urbano do centro da cidade de Mari-PB.....	36
Figura 8. Fotografia do momento religioso na Paróquia da cidade de Mari/PB.....	37
Figura 9. – Fotografia interna de espaço sagrado afro em Mari-PB (Tenda de Jurema Maria Luziara e Mestre Zé Buíque)	38
Figura 10. Mapa de Geolocalização dos Terreiros em Mari - PB a partir da pesquisa de campo na etapa II.....	39
Figura 11. Fotografia de momento religioso em um dos Terreiros de Umbanda/Jurema em Mari (Tenda de Jurema Maria Luziara e Mestre Zé Buíque)	41
Figura 12. Fotografia de Preto Velho durante Cerimônia religiosa de Jurema em Mari-PB (Tenda de Jurema Maria Luziara e Mestre Zé Buíque)	42
Figura 13. Registro da matéria o caso de intolerância em Mari-PB.....	43
Figura 14. Mapa sobre a composição étnica do Brasil e sua distribuição, Censo 2022.....	46
Figura 15. Foto de Iemanjá sendo representada negra pela primeira vez.....	47

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	12
2. CULTURA E RELIGIÃO COMO AGENTES DE MODELAGEM DO ESPAÇO.....	16
2.1. Trilhando os caminhos do racismo para compreender a formação do Brasil.....	22
2.1.1. A dinâmica de produção do espaço urbano e a sintaxe espacial com foco segregatório.....	28
2.1.2. Cultura religiosa e a dicotomia sócio-espacial urbanista: um olhar da cultura afro-brasileira em Mari-PB.....	34
3. METODOLOGIA.....	44
4. RESULTADOS E DISCUSSÕES.....	46
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	48
6. REFERÊNCIAS.....	50
7. APÊNDICES.....	54
8. ANEXOS.....	59

1 INTRODUÇÃO

Os sistemas de crenças circundam a estrutura da organização da sociedade há milênios. Suas aparições podem ser observadas no espaço social através de diversas culturas. Assim, por intermédio do espaço-tempo, “[...] cada religião é um universo complexo e diversificado que se manifesta e se desenvolve no tempo e no espaço” (Willaime, 2012, p. 9).

A própria religiosidade é fruto dos grupos sociais que constroem o chamado espaço geográfico. Ao serem portadores de costumes e correntes de pensamentos que advém da massa dominante como herança histórica do lugar inserido, ergue-se uma espécie de hierarquia com preceitos etnocêntricos, agindo diretamente na realidade social: que é o produto obtido através da estruturação da sociedade.

Ao analisarmos a formação dos círculos sociais e suas influências no meio enquanto espaço geográfico, podemos compreender como esse meio se apresenta à população. Naturalmente, no dito espaço social, esse universo pode ser percebido de modo positivo e negativo quanto à sua estrutura. Isso ocorre na medida em que propicia divisões de classes no seio estrutural da sociedade e sua subjetividade inerente. Em virtude disso, ao ter por raiz inicial interesses similares, como o de controle concentrado, gerado muitas vezes por massas dominantes, a elite cristã, como uma espécie de projeto orquestrado, busca-se obter condições induzidas para alcançar os interesses particulares almejados.

Desse modo, pode-se afirmar que o intuito é manter-se dominante sobre os demais, servindo como uma espécie de tática para obter poder e controle contínuos. Nesse contexto, Fernandes (2008) aponta a dominação por meio das elites como um objetivo, ou até mesmo um projeto organizado com base em interesses sociais, econômicos e, principalmente, políticos.

Partindo do pressuposto da visão de cultura estrutural, que rege os comportamentos e a estruturação da sociedade, adentra-se em um campo de problemática que perpassa séculos e reflete na contemporaneidade. A partir disso, denota-se a necessidade de investigar e compreender como se dá a intolerância religiosa dentro de nossa cultura, que se encontra imersa no estereótipo racial e fortemente construída a partir de raízes miscigenadas, entre europeus e afrodescendentes principalmente. Sob o olhar da Geografia da Religião, encontramos “[...] uma espécie de Geografia do Sagrado” (Peltre, 1995, p. 307 *apud* Rosendahl, 2001, p. 12).

Antes de mais nada, na busca instigatória de compreender a “cultura contida na intolerância religiosa”, é necessário nos atrelarmos a uma análise que transita por uma das vertentes mais críticas das ciências humanas. Em meados do século XX, o mundo científico viu emergir a Geografia Crítica, que tinha como objetivo analisar, de forma mais aguçada e

aprofundada, o uso do espaço para as mais variadas formas de relações de produção, observando a segregação e a marginalização espacial. Consequentemente, essa vertente da geografia aponta problemáticas sociais dentro da produção do espaço geográfico, de forma mais crítica do que o convencional. Desse modo, “[...] a geografia crítica sucede a corrente do pensamento geográfico denominada Nova Geografia ou Geografia Quantitativa [...] que encobria a essência da realidade social” (Rosa Moura, 2008).

Todavia, sendo de suma importância essa vertente de análise para nossa pesquisa, com o intuito de compreender melhor o papel da força exercida pelos sistemas de crenças na construção da base social brasileira, é necessário, primeiro, partir da matriz contida na formação da estrutura cultural de nosso país. Nesse contexto, compreender a interculturalidade apontada nos estudos da Geografia Cultural torna-se indispensável, uma vez que “[...] cultura é toda a materialidade e imaterialidade que nos envolve enquanto indivíduos e grupos, dando sentido ao mundo” (Haesbaert, 1999, p. 149-68).

O aspecto religioso é considerado um agente do sistema formador social, refletindo diretamente na população. Essa influência se manifesta na organização do espaço, tanto material quanto imaterialmente e historicamente. Trata-se do que muitos teóricos chamam de “conceito de espaço-tempo”. A partir desse momento, é necessário adentrarmos em um horizonte de informações históricas para compreender o entrelaçamento da cultura com a religião e como ambos moldam o espaço.

Essas reflexões perpassam o tempo e se refletem na compreensão da sociedade contemporânea, bem como na maneira como ela se organiza socialmente através do espaço. Em função disso, os impactos dessa estrutura no âmbito social são agregados em sua formação espacial e impulsionados pela cultura religiosa. Além disso, essa cultura move a população em sua forma de ser, pensar, agir e de se materializar, mesmo sendo considerada um fenômeno imaterial, de modo que o pesquisador Mário Ribeiro dos Santos observa essa dinâmica de forma orgânica.

À vista disso, o objetivo geral desta pesquisa é analisar a cultura sob o crivo religioso, a partir da organização social estrategicamente orquestrada, considerando-se a construção dos círculos sociais de classe no "espaço cidadão"¹. Por conseguinte, visamos de forma mais objetiva, buscar respostas para poder compreender melhor o papel assumido pela religiosidade

¹O geógrafo Milton Santos em sua obra, traz grandes contribuições a partir da reflexão abordada por ele através da cidadania e a questão econômica, para assim poder compreender a realidade social e o poder. Cf. SANTOS, Milton. **O Espaço do Cidadão**. 7. Ed. Editora: Edusp. 2007.

dentro do conceito de espaço, que é nosso interesse através do fenômeno religioso.

A partir desta relação entre religiosidade e espaço, refletimos acerca da segregação subjacente existente e espacializada na construção perversa e corrompida do espaço social. Assim, levando em conta que há divisões do espaço criado, produzido por nós enquanto sociedade, observamos a transversalidade entre a massa dominante cristã e o grupo marginalizado pela própria; ação essa desencadeada a partir de uma cultura racista existente no Brasil, tendo como uma das suas formas de expressões a intolerância religiosa sofrida pelos praticantes de matriz afrodescendente.

Dentro do Materialismo Histórico-Dialético, podemos encontrar as questões fundamentais que fazem parte da temática da intolerância religiosa a partir do conceito de racismo estrutural, já que trabalhamos com o percurso histórico do país para compreender a atualidade, e como isso se materializa socialmente. Tendo em vista que a intolerância religiosa de matriz africana no Brasil está ligada ao preconceito racista, logo nos deparamos em como esse racismo começou a ser gerado no país. Sueli Carneiro, pesquisadora, em um de seus estudos afirmou que “[...] é de Joaquim Nabuco² a compreensão de que a escravidão marcaria por longo tempo a sociedade brasileira porque não seria seguida de medidas sociais que beneficiassem política econômica e socialmente aos recém libertados” (Carneiro, 2011, p. 14).

Através da afirmação feita pela filósofa e ativista com pauta de antirracismo na qual pertence ao movimento social negro brasileiro, podemos verificar que essa pauta é uma problemática que ultrapassa séculos em nosso país, na medida em que necessita de um olhar maior sobre esse debate a respeito do preconceito vindo do racismo que é histórico. Em vista disso, essa é uma “[...] questão dos direitos humanos e o combate às desigualdades, discriminação e a violência” (Carneiro 2011, p. 14) para com a população negra marginalizada e reprimida. Por meio da intolerância religiosa direcionada aos praticantes de seguimentos religioso afrodescendentes em solo brasileiro, a saber: o Candomblé, Umbanda, Quimbanda, Catimbó e a Jurema. Esta última com forte influência afro-ameríndia³, sendo formada por uma porcentagem representativa maior da população religiosa afro, de seio familiar e de origem claramente construída por negros e mestiços.

Por conseguinte, denota-se a natureza da epistemologia geográfica se fazendo presente

²Joaquim Aurélio Barreto Nabuco de Araújo (1849–1910). Joaquim Nabuco foi uma das maiores figuras do movimento abolicionista no país, fazendo-se presente com sua atuação entre meados do século XIX ao século XX.

³ O termo **Afro-ameríndio** refere-se a um fenômeno de mistura étnico-cultural, ou seja, o entrelaçamento de duas manifestações culturais distintas, aqui nesse termo, é ocorrido a junção da cultura africana com a indígena, de modo que, uma dessas expressões culturais é o culto da Jurema sagrada, onde a crença africana e a indígena se fundem, trazendo uma maior aproximação com a natureza e a espiritualidade ancestral, tendo como uma das figuras centrais e simbólicas a Jurema como árvore sagrada.

nessa abordagem, no tocante ao alcance da compreensão do espaço através de sua reflexão. De maneira a propiciar compreensão da dinâmica espacial, além da sua relação intrínseca enquanto sociedade e realidade social, “[...] de um modo geral, a compreensão da epistemologia da Geografia parte, primeiramente e acima de tudo, do entendimento de seu objeto de estudo” (Cavalcante, 2018, p. 62). Relativo a isso, o objeto de pesquisa deste trabalho é a espacialização da intolerância religiosa sofrida pelo segmento de matriz afro-brasileiro, a partir de um viés racista no qual se encontra enraizado no Brasil como produto de um acontecimento histórico.

Nessa ótica, entendemos que o Brasil possui seus pilares de formação arraigados à uma fase obscura da humanidade, refletida na contemporaneidade através da marginalização da população negra como resquício histórico do processo de escravidão ocorrido na Europa, e que chegou ao Brasil dada a necessidade exacerbada de mão de obra abundante e fácil. Esse fator foi introduzido em nossa história de construção enquanto colônia portuguesa, que era o Brasil, considerando o processo de escravidão, uma vez que “[...] o uso do trabalho escravo no Brasil generalizado a princípio, nos engenhos de cana-de-açúcar, em especial na região Nordeste (Pernambuco e Bahia)” (Costa, 2016, p. 40-41) e que no livro *Casa-grande e Senzala*⁴ é esboçado esse processo histórico, como ressalta o historiador Costa (2016).

Ao encontro do nascimento do Brasil em função da região nordeste do país, emergindo sobre a cultura escravocrata para a manutenção do serviço braçal nas grandes propriedades da época, podemos observar que a Paraíba se encontra nesse contexto, fazendo parte da capitania de Itamaracá, que se estendia do Rio Santa Cruz até a Baía da Traição, em que, tempos depois, entrou em um conflito interno, fragmentando-se. Fora isso, originou-se a criação da capitania do Rio Paraíba, dando início ao erguimento da cidade de Nossa Senhora das Neves, atual capital paraibana, João Pessoa, ocupando o lugar de terceira cidade fundada no Brasil durante o século XVI segundo o portal do IBGE (2023). Através disso, compreende-se esse processo como o estopim para a intensificação do processo de ocupação e urbanização do território do atual Estado da Paraíba.

Nessa linha investigativa, o território passou por grandes mudanças ao longo da história. Uma delas é a caracterização territorial através das regionalizações, em especial, o recorte da Paraíba, que é o nosso ponto de partida para a espacialização para chegar ao recorte territorial por objetivo, iniciando-se pela caracterização fisiográfica, a saber: Zona da Mata, Agreste,

⁴ A obra literária **Casa Grande Senzala**, do sociólogo Gilberto de Mello Freyre, é uma das obras mais importantes no contexto de compreensão sociocultural brasileira, sendo publicado em 1933, trazendo grandes contribuições nos estudos e pesquisas focando no ramo das Ciências Sociais e áreas afins, no intuito de compreender a formação da sociedade brasileira, deixando grandes contribuições e seu legado durante o século XX.

Borborema e sertão, até a nova regionalização proposta pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) em 2017, passando por sua substituição de Microrregiões e Mesorregiões para Regiões Geográficas imediatas e Regiões Geográficas Intermediárias, como aponta os geógrafos Silva e Torres (2023).

Contudo, “[...] a geografia surge como uma ciência de síntese. A região não passa de uma área mostrando a sua unicidade, resultado de uma integração de natureza única de fenômenos heterogêneos” (Corrêa, 1990, p. 15-16, *Apud* Silva, 2017), ou seja, enfatizando ser fruto e produto de um sistema socioespacial.

Assim, no intuito de desenvolver estudos aprofundados para a compreensão do espaço, nos debruçamos dentro dessa necessidade a partir da cultura e da religião, com o objetivo de compreender a especialidade da intolerância religiosa. Conduzindo-nos a olhar a manifestação do fenômeno a partir do racismo como um reflexo histórico, utilizamos como recorte geográfico o município de Mari, localizado no interior do Estado da Paraíba, situada na região de zona imediata de João Pessoa, possuindo uma extensão territorial de 155.265 km² até o ano de 2022, e tendo uma população estimada em 21.512 pessoas no mesmo ano, e portando uma densidade demográfica em 138,55 habitantes por quilômetro quadrado; dados de acordo com o IBGE Cidades.

Em síntese, a presente pesquisa é de cunho qualitativo, sendo organizada por quatro métodos investigativos, tendo por principal o materialismo histórico e dialético como mencionado anteriormente para analisar e discutir a materialização do espaço por meio da cultura, visando compreender a produção e a sintaxe urbanística enquanto cidade. Além disso, também usamos a abordagem fenomenológica, método que dará o suporte necessário para se adentrar melhor na discussão sobre a elencada influência cultural na produção espacial do fenômeno religioso.

2 CULTURA E RELIGIÃO COMO AGENTES DE MODELAGEM DO ESPAÇO

Analisar a produção do espaço é relativamente mais complexo do que se possa parecer, na medida em que consideramos não apenas o que pode ser observado materialmente, mas também é levado em conta a dimensão imaterial e subjetiva dessa produção, de forma que venha a ser perceptível nesse universo. Diante disso, para estudar profundamente essa construção de entendimento espacial, é indispensável o conceito de espaço discutido por Ana Fani (2017, 2016, 2011).

Concernente ao conceito de espaço, depreende-se que ele se materializa no âmbito acadêmico por via de grandes nomes clássicos do mundo científico. Não raro, esse conceito recebeu e vem recebendo uma atenção especial por pesquisadores(as) ilustres dessa ciência denominada Geografia sob a ênfase na parte humana, por buscarem compreender, de modo especial, o homem como produtor do espaço vivido a partir de suas expressões sociais. Assim, “[...] a criação de valores e sentido para aquilo que a gente faz” (Haesbaert, 1999, p. 149-168), ou seja, como a sociedade se materializa através de sua existência singular vivenciada.

Neste sentido, o fator religioso, ou seja, a “[...] religião, teve nas Ciências Sociais de modo geral, quer na Sociologia, na História, na Antropologia Cultural ou na Geografia Humana” (Rosendahl, 2001, p. 39-40) o seu lugar de discussão para estudar a materialização das expressões socioculturais.

Na contemporaneidade vivemos em uma fase histórica do Brasil, caracterizada pela quebra de paradigmas, em que essa quebra possibilitou uma abertura maior para o debate reflexivo sobre diversas temáticas, entre as quais, pode-se destacar: o papel da mulher na sociedade, as discussões sobre raça e até gênero, no intuito de promover o respeito através do conhecimento do que se é desconhecido ou do que se pouco conhece, e que, possivelmente, até se conheça de forma equivocada no campo religioso. Noutras palavras, essa situação nos leva a promover um julgamento estereotipado, desencadeando o preconceito e, paralelamente, ratificando a intolerância entre praticantes de doutrinas distintas.

Desse modo, “[...] a experiência religiosa está [...] associada aos sistemas de pensamento” (Rosendahl, 2001, p. 21), ou seja, esse sistema age como um operador direto no processo de construção e modelagem do espaço geográfico por meio da população, moldando nosso pensamento e comportamento, à medida que isso impacta na forma pela qual o espaço é produzido, dando abertura para pensar os hábitos e a cultura nesse contexto.

Assim sendo, a temática religiosa por muito tempo e, quiçá, até hoje, é atravessada pelo velho pensamento de que “religião não se discute”. Essa questão é normalmente empregada porque religião caracteriza-se por ser uma política de controle em massa, ao passo que o sistema de crença fica imerso em uma filosofia de pensamento. Essa filosofia aprisiona e influencia diretamente em como a sociedade se manifesta e age na produção do espaço geográfico enquanto produto da sociedade. Com efeito, “[...] um diálogo mais efetivo entre ciência e religião se faz mais necessário” (Rosendahl, 2001, p. 41) para compreender como o espaço é produzido culturalmente através de sua população.

Com isso, a pergunta norteadora é a reflexão da presente pesquisa nesse momento, que tem por objetivo, discorrer sobre essa linha de pensamento apresentada, buscando entender

como a filosofia político-religiosa, culturalmente produz o fenômeno social da intolerância religiosa, atrelada sorrateiramente à uma cultura racista que, nesse sentido, tendo raízes no “Epistemicídio⁵” (2018). Esse conceito diz respeito ao “sufocamento” ou até mesmo ao extermínio geoespacial de uma determinada cultura. Conseqüentemente, a identidade histórica de uma população ou raça.

Assim, uma das manifestações culturais mais fortemente visíveis na produção do espaço, são as expressões de culto religioso, uma vez que a humanidade possui uma necessidade incessante por uma conexão com o Divino, fazendo-se presente na construção de templos e outros espaços sagrados dedicados para tal finalidade nas civilizações antigas, conforme pode ser observado através das discussões de Mark Daniels (2016):

Em todo o globo terrestre e durante um espaço de tempo extremamente longo, nossas respostas para [...] indagações têm sido idênticas: a criação de mitos. Vastas civilizações e sociedades no mundo inteiro criaram um rico catálogo de divindades, [...] mitos que narram a história de nossas origens, [...] para comunicar as mais importantes lições de vida. A maioria das religiões e mitologias tem características chave, [...] desde o começo de nosso desenvolvimento como espécie civilizada, [...] muitas vezes nos voltamos [...] como fonte de inspiração para histórias que expliquem o inexplicável, criando divindades [...]. Ao tentar extrair sentido do irrespondível temos a tendência a nos subordinarmos a um poder maior, muito acima da nossa compreensão, a tal da religião (Daniels, 2016, p. 9).

Em virtude disso, o fator religioso, por meio de seu arquétipo cultural passa a tornar-se um fenômeno palpável. Noutras palavras, materializável “[...] através de símbolos que impregnam o mundo dessas simbologias” (Haesbaert, 1999, p. 149-68). As expressões de culto religioso perpassam além de uma íntima manifestação de fé, ao qual, a mesma ganha o nome de hierofania⁶, na medida em que transcende a uma materialização sociocultural. Por meio do sagrado, à vivência e o meio habitacional são ajustados, de forma que a espiritualidade seja concretizável e perceptível para si e os demais no tocante a prática religiosa.

Com efeito, “[...] a cultura pode ser aproximadamente resumida como o complexo de valores, costumes, crenças e práticas que constituem o modo de vida de um grupo” (Eagleton, 2005, p. 55). Logo, podemos compreender o fator cultural religioso como sendo a expressão máxima da materialização da cultura, enfatizando com isso, a própria condição de nossa

⁵**EPISTEMICÍDIO** é um termo cunhado pelo sociólogo Boaventura de Sousa Santos, utilizado a respeito do intuito de sufocar uma raiz histórica ou cultural, logo, uma tentativa de invisibilização e a marginalização de grupos sociais.

⁶ “O termo **hierofania** foi proposto por Mircea Eliade (1962) para designar a manifestação do sagrado em objetos e coisas ou pessoas. A materialização do sagrado pode ocorrer em grutas, colinas, rios, pedras, árvores, ... e que, simbolicamente, origina o lugar sagrado, consagrando o espaço, tornando-o qualitativamente forte, demarcado e diferenciado” (Rosendahl, 1996, p.82).

existência humana, em que se assume como uma espécie de papel de afirmação espacial e, quiçá, até mesmo de resistência atemporal.

Figura 1: Manifestação Sociocultural e multi-religiosa durante tradicional lavagem da Igreja do Senhor do Bonfim. Salvador, Bahia.



Fonte: @grazisemcau2; Pinterest.

A imagem acima revela que “[...] o espaço, é a acumulação desigual de tempos” (Santos, 2021, p. 9). Não raro, a produção do mesmo acaba por invisibilizar grupos em meio ao seu processo de elaboração, ou até mesmo por outras palavras, passa a marginalizar através dessa invisibilização estrutural pautada. Dessa forma, essa colocação pode ser observada através da estruturação morfológica urbana, na qual “[...] o urbano é abstrato, [...] o urbano se funda: uma prática social em marcha, a prática urbana em via de constituição” (Lefebvre, 2019, p. 33).

Diante disso, pensar no processo de elaboração da morfologia urbana das cidades por intermédio cultural, induz o pesquisador a olhar suas lacunas e fragilidades sociais. O Brasil, por exemplo, é um país muito rico no contexto cultural e religioso. Tendo em vista que em seu processo formativo há uma relativa diversidade étnica presente desde os seus primórdios, entendemos que essa variedade possibilitou a extensão de uma multiculturalidade étnico-racial no país, que deu origem à sincronicidade em vários aspectos da religião, em que, esse fenômeno, pode ser nitidamente contemplado no sincretismo religioso existente entre o cristianismo católico e as religiões de matriz afrodescendente.

Concernente a isso, percebemos que tal fenômeno cultural e religioso, o sincretismo⁷, entrelaça duas visões culturais e religiosas distintas. Em primeiro lugar, a cultura africana que se dilui no cristianismo que é originariamente europeia por meio do catolicismo, e, em segundo lugar, o catolicismo que também se dilui por entre as raízes culturais e religiosas oriundas da África, tendo por grande exemplo de matriz afro, a filosofia *yoùbá*, no qual o *Candomblé* teria sua raiz primordial, e que em sequência, no Brasil, possibilitou o surgimento das demais culturas religiosas denominadas como sendo de matriz Afro, bem como a Umbanda, Jurema... etc., (Silva, 2005). Com efeito,

Os *calundus* foram até o século XVIII, A forma urbana do culto africano relativamente organizado antecedendo as casas de *candomblé* do século XIX e aos atuais terreiros de *candomblé*. [...] no Brasil os primeiros *calundus* estiveram confinados aos espaços das fazendas. Só podiam ser realizados na escuridão e solidão das matas, nas roças ou nos próprios espaços contíguos à senzala. [...] longe dos olhos do senhor, os negros reelaboraram suas expressões culturais e religiosas (Silva, 2005, p. 43-47).

Nesse contexto, a religiosidade passava de mero amparo espiritual, para um ato de resistência sociocultural, ou melhor, transmuta-se em uma prática de ressignificação e reexistência. A religiosidade afro, ao ser inserida no país mediante o processo de importação de africanos como mão de obra escrava para o Brasil, tais indivíduos não professavam a fé cristã, tendo em vista que os mesmos já tinham suas próprias culturas. O conceito de paganismo gestado pelas tradições cristãs diz respeito a todas as formas de crenças fora da ética e da moral cristãs, ou seja, as religiões afro eram pagãs do ponto de vista cristão por não incorporar o dogma do cristianismo. Conseqüentemente, o cristianismo paganizou essas religiões. Assim, tal prática cultural e religiosa oriunda da África foi perseguida, no intuito de reprimir não só o corpo físico, mas também, o espiritual, mental, social e existencial.

Por fim, conforme é discutido por Roger Cipó, (Cf. *Entre Santos e Orixás*, 2021, min35s - 3min05s) “[...] a chegada dos africanos ao Brasil promoveu um processo semelhante ocorrido aos povos indígenas, a submissão a cultura e a religião dos colonizadores europeus”, e que é complementado por meio da opressão imposta pela coroa portuguesa, a qual “[...] tornou-se expressamente proibido cantar e rezar em suas línguas de origem [...] é nesse contexto que nasce

⁷ O termo **Sincretismo Religioso** refere-se ao fenômeno de camuflagem cultural e religiosa, onde a mesma busca como meio de proteger seu sagrado perante uma opressão ocorrida no Brasil durante seu período escravagista, de modo que, este, foi o meio ao qual a população africana diante da imposição dos colonizadores para a adesão de sua religiosidade cristã, os povos africanos encontram para não abandonar sua espiritualidade verdadeira, cultuando suas divindades nas figuras religiosas cristã católica como meio de resistência, a partir disso que posteriormente os santos passaram a ser associados aos Orixás.

o sincretismo, um disfarce genial para preservar os cultos ancestrais africanos sob uma máscara branca, ou seja, cultuando seus Orixás na figura dos Santos católicos”.

Figura 2 – Pinturas religiosas: Orixá Ogum à esquerda e São Jorge à direita: representação da sincronicidade religiosa dos cultos de matriz africana.



Fonte: Astral, 2021.

Tal fenômeno pode ser observado nitidamente nas comemorações do padroeiro do Rio de Janeiro, no qual São Jorge, o santo protetor do Estado, é fortemente associado ao orixá Ogum, ambos com a rotulação de guerreiro. Do mesmo modo como ocorre com o padroeiro da cidade do Rio, São Sebastião, que é assimilado ao orixá Oxóssi. Na cidade do Rio, a tradicional celebração de São Jorge é um dos momentos mais fortes na cultura e religiosidade carioca, tal como é discutido pelo repórter Túlio Mel do G1, (Cf. São Jorge é celebrado neste 23 de abril, 2024), que é complementado pela Visit Rio, (2024), apontando que “[...] no Rio de Janeiro, sua figura é sinônimo de força e proteção, atributos que o tornam padroeiro do estado e um símbolo de resistência cultural e espiritual”.

Figura 3 – Fotografia de São Jorge no Rio de Janeiro, o santo padroeiro associado à Ogum.



Fonte: Rio, Visit 2024

Assim, a prática religiosa torna-se um fator inseparável da discussão cultural, uma vez que a religiosidade exprime o interior e o âmago social, no qual o lado íntimo do coletivo e também pessoal, expõe-se publicamente em conjunto, possibilitando, dessa forma, a materialização do fenômeno religioso mediante a sua manifestação heterogênea.

Em virtude disso, a “[...] cultura nessa perspectiva, resulta das experiências feitas com o mundo, ou a própria sociedade. [...] portanto, há uma inextrincabilidade entre o homem e o meio” (Coimbra, 2016, p. 118-119). Por conseguinte, é atribuída a essência e a alma do espaço vivido, por meio da população e suas experiências de fé no espaço vivenciado, uma vez que “[...] as crenças religiosas são representações que expressam a natureza das coisas [...] e as relações que essas implicam” (Willaime, 2012, p. 31).

2.1 TRILHANDO OS CAMINHOS DO RACISMO PARA COMPREENDER A FORMAÇÃO DO BRASIL

Buscar compreender o espaço é fascinante, mas ao mesmo tempo desafiador, porque exige dedicação para ir às raízes que faz e desfaz as peças do grande quebra-cabeça que é o território. Este, por sua vez, consiste na configuração orquestrada e modelada com várias outras peças em miniatura, constituindo no enigma territorial, correspondendo ao todo. Desse modo, Milton Santos (2021) descreve que

Num estudo regional deve-se tentar detalhar sua composição como organização social, política, econômica e cultural, abordando-lhes os fatores concretos para reconhecer como a área se insere [...] levando em conta o proexistente e o novo, para captar o elenco de causas e consequências de um fenômeno. Os elementos que se agrupam dando a configuração espacial de um lugar têm de se passar por um estudo aprofundado, desde o homem até as instituições (Santos, 2021, p. 54).

Com isso o autor acima completa afirmando que esse é o caminho mais viável para compreender a “[...] materialização da sociedade” (Santos, 2021, p. 54). Nesse contexto, podemos ver um mundo vasto de possibilidades e caminhos surgirem, dentre eles, o de estudar e compreender a configuração do território enquanto Cultura. Além disso, Santos (2021) conduz-nos ao encontro daquilo que ele vai colocar como a procura de um objeto no Espaço, buscando compreender como a trajetória de discutir a espacialização da intolerância religiosa, atrelada à uma cultura que se mostra racista historicamente. “Dessa forma, a ação dos indivíduos, ainda que conscientes, ‘se dá em moldura de uma sociabilidade dotada de instituição historicamente inconsciente’. Ou seja, a vida cultural e política [...] constituída por padrões [...] e em práticas sociais cotidianas” (Almeida, 2022, p. 64).

Ao conjecturar a cultura brasileira como racista no bojo da história, se transcende para além de nossa contemporaneidade, na medida em que se emerge a necessidade de adentrar no passado para compreender o presente. Tendo em vista que postulamos que o racismo ronda a religiosidade afro, nota-se que vem a marginalizá-la, expondo ser uma questão aberta historicamente, evidenciando uma espécie de ferida social sobre a qual se arrasta há séculos, e que se reflete na contemporaneidade, dentro de uma visão indissociável do espaço com o tempo: o espaço-tempo.

Neste seguimento, podemos observar esse fenômeno ganhar forma, materializar-se, estruturar-se, especializar-se, e assim, compreender como um problema social de interesse da Geografia Humana, na qual Friedrich Ratzel estende a discussão como uma “Antropogeografia⁸” (Barros, 2007), indo de encontro à saga de estudar investigando o homem no Espaço.

Assim, como Milton Santos discute “Pensando o Espaço do Homem” (2021), refletir o espaço numa perspectiva étnico-racial de modo cultural, faz com que sejamos transportados aos nossos primórdios civilizatórios em escala nacional, indo as nossas raízes culturais enquanto berço nacional, tendo em vista que foram iniciadas na Europa durante o período das grandes navegações, correspondendo, desse modo, à expansão do imperialismo europeu ocorrida no século XV (Costa, 2016).

⁸ O surgimento da **Antropogeografia** foi o primeiro passo para as discussões sociais acerca do dinamismo do espaço geográfico, está enquanto um fator temporal, tal proposta foi lançada pelo o geógrafo alemão Friedrich Ratzel, bem como a visão de espaço vital e a teoria do determinismo geográfico, tendo o homem (a sociedade) como principal sujeito dos estudos espaciais a partir daí, que posteriormente daria lugar para a Geografia Humana.

Diante disso, podemos compreender que somos um país de formação social secundária, tendo em vista que o Brasil é fruto de um processo colonizador proveniente do velho mundo. Iniciado de uma grande potência da época enquanto nação, salientamos os interesses da antiga coroa portuguesa, as quais a nossa cultura têm como matriz de referência Portugal, que é o país de origem.

Partindo desse olhar, torna-se possível observar melhor nossas raízes culturais que corroborou para a construção de nosso país. Assim, é possível nos transportar para um momento da história em que o atual país ainda estava em gestação. Para isso, precisaremos abarcar o limiar dessa história enquanto nação como mencionado, isto é, o momento após o período da corrida marítima por novas terras. Em função disso, “[...] uma nova era se abre para o parco comércio português. Em 1441, [...] inicia um tipo de transação que se tornará a menina dos olhos dos portugueses e objeto de intensa disputa comercial: o negócio com escravos” (Costa, 2016, p. 16).

Durante esse momento, a Europa se desenvolvia vertiginosamente. Deste modo, para os autos engrandecer-se dessa maneira, os demais povos e locais fora do continente europeu eram vistos e rotulados como bárbaros, primitivos e até pagãos, isso sendo empregado devido estarem fora dos padrões estabelecidos de sociedade civilizada, além do modo de vida tipicamente europeu produzindo, a partir disso, um eurocentrismo avassalador, compulsório e predatório, a enfatizar uma “hierarquia qualitativa” (Rosendahl, 2001, p. 44).

Ao submergir nesta Europa do velho mundo, nos deparamos com a ciência alicerçada em uma corrente de pensamento chamada de *Darwinismo Social*. Apoiada nas ideias de Charles Darwin e de Alfred Russel Wallace⁹, observamos o pensamento deles ser empregado de maneira distorcida, servindo como um solo profícuo a desenvolver um racismo científico na Europa do século XIX que, conseqüentemente, passava a bestializar formalmente as populações. Estas, por sua vez, são colocadas como alvo, no qual as pessoas negras e estrangeiras estão fora da bolha social do mundo europeu por exclusão.

Em vista disso, “[...] a etimologia do termo raça. O que se pode dizer com mais segurança é que seu significado sempre esteve de alguma forma ligado ao ato de estabelecer classificações, primeiro entre plantas e animais e, mais tarde, entre seres humanos” (Almeida,

⁹No dia 24 de novembro de 1859 na Inglaterra, o Cientista Charles Robert Darwin (1809-1882) lançava a renomada obra conhecida mundialmente, **A Origem das Espécies**, trabalho esse produzido com auxílio de Alfred Russel Wallace (1823-1913), que posteriormente ganhou o título de pai da Biogeografia, livro este produzido pelos dois, e tendo como ideia central, discutir a evolução das formas e espécies de vida orgânica, isso a partir de uma biologia evolutiva, para assim, explicar o equilíbrio entre o progresso e o fracasso no desenvolvimento das formas de vida biológica através do tempo.

2022, p. 24). Dessa forma distorcida das ideias de Darwin, sucedeu-se “[...] então a distinção filosófico-antropológica entre civilizado e selvagem, que [...] seguinte daria lugar para o dístico civilizado e primitivo” (Almeida, 2022, p. 26), promovendo um discurso de inferioridade.

Nessa ótica, como aponta Erving Goffman (1981), esses discursos excluem e marginalizam grupos dentro da sociedade. O autor também analisa a imagem social deteriorada sob a lente classificada por ele como Estigma (1981).

A partir da formalização do meio de discriminação racial durante o século XIX na Europa, o racismo científico encontrou força dentro do Darwinismo, onde passou a incrementar em suas fundamentações, uma base da medicina como aparato, adotando o ramo da craniologia, que vem a ser o estudo anatômico a partir de crânios. Com o intuito de analisar o desenvolvimento craniano de um indivíduo, essa perspectiva é normalmente associada ao nível de intelectualidade, e de também investigar a possibilidade de o sujeito em questão ser portador de algum distúrbio de processamento lógico.

Todavia, esse estereótipo é frequentemente aplicado aos negros, principalmente como uma forma de explicar suas diferenças culturais e comportamentais em relação aos padrões da sociedade branca e europeia. Essa visão, por sua vez, justifica a dominação social desse grupo como se fossem meros portadores de arquétipos animais. Essa perspectiva reforça a ideia de que os negros são atrasados, irracionais e até mesmo carentes de civilização em comparação com uma sociedade mais avançada e intelectual.

Figura 4 – Pintura de Samuel George Morton, o pai do Racismo Científico e seu trabalho de Craniologia.



Fonte: Morton, 1839, *apud* Rodrigues, 10 Maio, 2021.

Após a criação da discussão racial, associada à visão darwinista, concluiu-se que os seres humanos de pele negra eram considerados pelos europeus como intelectualmente atrasados em comparação com os de pele branca. Essa equiparação aos animais levou à

comparação desses indivíduos com mercadorias. A partir desse ponto, surgiu a ideia de que eles precisavam ser civilizados. A sociedade europeia, aproveitando-se disso, consagrou-os como objetos de servidão em troca de uma inserção social fictícia. Infelizmente, eram vistos como inferiores aos homens brancos.

A princípio, essa visão como forma de pensar resultou no início do tráfico negreiro, com o objetivo de obter cativos que, posteriormente, ficariam conhecidos como escravos. A Europa disseminou essa cultura racialista e escravocrata para além de seu continente, inserindo a dominação dos negros africanos em suas colônias por meio do processo de colonização. O Brasil é um bom exemplo desse fenômeno, visto que, segundo Costa (2016, p. 40), “[...] o abastecimento da colônia com escravos abria, para Portugal, um novo e importante setor do comércio colonial”.

Após discutir as raízes do racismo e traçar um caminho até o Brasil, as peças começam a se encaixar para o meu interlocutor. Agora é possível compreender melhor a trajetória do racismo desde a Europa até chegar ao Brasil com a colonização portuguesa em solo *tupiniquim*. Inicialmente chamado de Novo Mundo pelos povos indígenas, o Brasil viu a chegada dos europeus nas Américas em 1500.

Avançando na discussão, observamos o Brasil ganhando forma. O país passa por uma modesta urbanização, com o solo recém-descoberto pelos portugueses, antes dominado pelos povos indígenas, agora começando a se civilizar. Vilas surgem, cidades são fundadas e a corte portuguesa coroa o progresso em sua colônia, desembarcando no Brasil em 1808, como Costa (2016) discorre em sua obra, conduzindo o leitor por um recorte histórico do nosso país.

No século XIX, o Brasil encontrava-se imerso no sistema político Imperial. O país, ainda jovem e em fase de desenvolvimento, buscava espelhar-se em outras nações, especialmente na Europa, considerada o modelo supremo de progresso e desenvolvimento. Aspectos culturais, econômicos, políticos e urbanísticos eram observados com admiração pelos olhos do movimento eurocêntrico da época. Esse movimento exaltava a Europa e influenciava outros países a seguirem seus passos.

Após o Brasil conquistar sua independência, surgiu uma forte aspiração de equiparar-se aos países europeus. Mesmo não sendo mais uma colônia europeia no século XIX, o país ansiava por ascender socialmente, adotando os padrões culturais europeus. Essa iniciativa foi liderada por Dom Pedro II, que buscava importar a cultura europeia para implantá-la em nosso jovem império.

Entretanto, ao importar os padrões culturais europeus, o imperador também trouxe consigo os avanços científicos da época. Nesse contexto, a corrente darwinista, com seu olhar

voltado para elementos biológicos, ganhava destaque. Foi assim que começou a germinar o fenômeno conhecido como eugenia no solo brasileiro. A eugenia, em sua filosofia de pensamento, afirmava a existência de superioridade racial, destacando uma classe social denominada “bem-nascidos”, composta por pessoas de pele branca. Essa corrente, influenciada pelo darwinismo social, chegou ao Brasil e, conseqüentemente, começou a afetar a raiz cultural do país desde os primórdios de nossa nação até a consolidação do território nacional. Em função disso,

Esse tipo de pensamento, identificado como racismo científico, obteve enorme repercussão e prestígio nos meios acadêmicos e políticos do século XIX, como demonstram, além das de Arthur de Gobineau, as obras de Cesare Lombroso, Enrico Ferri e, no Brasil, Silvio Romero e Raimundo Nina Rodrigues (Almeida, 2022, p. 29).

Em decorrência de tal acontecimento e entronização em nossa formulação social, constata-se que “[...] o racismo se constitui como a sintomática que caracteriza a neurose cultural brasileira” (Gonzalez, 2020, p. 67-68).

O império brasileiro, em sua busca por progresso cultural, olhava para a Europa como referência. No entanto, o Brasil enfrentava desafios significativos para alcançar esse objetivo, na medida em que composição populacional brasileira diferia consideravelmente da realidade europeia. Assim, enquanto a Europa era predominantemente branca, o Brasil apresentava uma diversidade étnica marcante.

No tocante a isso, Darcy Ribeiro (2023) argumenta que o Brasil é constituído por três pilares populacionais: os povos indígenas, os europeus colonizadores e a população negra africana. Esta última, infelizmente, foi submetida a um regime escravocrata brutal e massivo pelos europeus no país.

Durante o período em discussão, o Brasil tinha uma população majoritariamente negra devido à forte presença de africanos escravizados em massa. No entanto, essa realidade não era bem vista pelas academias, teorias racialistas, como a eugenia e a cultura européia da época, de modo que o pensamento darwinista social também influenciava a visão sobre a composição populacional.

A situação gerava um dilema: a população negra superava numericamente a branca no país. Essa miscigenação populacional poderia comprometer a pureza hegemônica branca europeizada, considerada a raça superior e intelectual pela ciência da época. A eugenia, tão almejada no novo território e país ocidental, também estava em jogo como aponta Pires Gomes 2016.

Figura 5 - Percentual da população brasileira no século XIX.

Ano	Negros	Brancos	Mestiços	Total da população
1827	72,5%	15,5%	12%	100%
(Rugendas)	3.758.000	800.000	638.000	51.860.000
1830	63%	16%	21%	100%
(Malte-Brun)	5.340.000	1.347.000	1.748.000	84.350.000

Fonte: Fernando A. Albuquerque Mourão. "La présence de la culture africaine et la dynamique du processus social africain au Brésil". *Communication présentée au 2º World Black and Festival and Culture, Lagos/Kaduna, Nigéria* – 15/janeiro-12/fevereiro, 1977.

Fonte: GOMES, Nilma Lino; MUNANGA, Kabengele.2016.

No contexto da presença africana no Brasil, é importante considerar não apenas os altos índices dessa influência, mas também as junções culturais que se tornaram evidentes. Essa diversidade cultural marca o início da nossa identidade multirracial e nos permite observar, sob uma perspectiva geográfica e populacional, o desenvolvimento do Brasil como um país com características raciais e culturais mistas.

A pluralidade étnico-racial brasileira não se limitou ao interesse cultural; ela também se manifestou no campo populacional. A mistura entre indígenas, europeus e africanos, mencionada anteriormente, deu origem ao fenômeno da miscigenação populacional. Essa mistura, resultado da multiplicidade étnico-racial e populacional, moldou nossa identidade e cultura atuais, definindo o Brasil como o conhecemos.

2.1.1 A DINÂMICA DE PRODUÇÃO DO ESPAÇO URBANO E A SINTAXE ESPACIAL COM FOCO SEGREGATÓRIO

Refletir sobre o dinamismo inerente ao conceito de espaço é uma tarefa deslumbrante, porém nem sempre fácil de alcançar. No cerne dessa reflexão, encontram-se diversas matrizes de análise, como cultura, religião, política e a organização estrutural do meio. Esses fatores estão intrinsecamente ligados a essa noção de espaço, uma vez que

O espaço é aqui compreendido como uma dimensão social, como materialização das relações sociais. [...] A reflexão sobre o espaço urbano, na atualidade, evidencia as transformações, [...] no qual o espaço ganha importância como ativo. [...] Nesse contexto de transformações, o espaço, [...] é sobretudo, um espaço de conflitos, de disputas entre diferentes sujeitos sociais. [...] produzindo a cidade como mercadoria com a finalidade específica de reprodução, [...] os movimentos sociais que se confrontam [...] e atuam, [...] a produção como [...] elementos concretos da vida cotidiana (Carlos, 2017, p. 81).

O espaço, em sua complexidade, pode ser considerado simultaneamente fruto e produto. Nós, como agentes ativos, desempenhamos um papel fundamental na estruturação do meio em que vivemos e nos manifestamos como seres sociais. Esse meio, por sua vez, é resultado de nossa materialização no espaço, expressa através de nossas interações e movimentações ao longo do tempo.

No entanto, é crucial destacar que o espaço não é homogêneo. Como bem afirmou Santos (2021, p. 09), ele representa uma “acumulação desigual de tempos”. Essa afirmação nos leva a explorar as múltiplas facetas inerentes ao conceito de espaço. Como pesquisadores, buscamos compreender a elaboração espacial, considerando não apenas o presente, mas também os condicionantes sociais que moldaram o espaço ao longo de séculos.

Essa acumulação de desigualdades no contexto espacial transcende a contemporaneidade. Os padrões sociais e as necessidades do meio não são uniformes. A estrutura sócioespacial reflete a complexa interação entre história, cultura e poder. Nesse cenário, assumimos um papel ativo, indo além da mera reprodução da *Teia Social*. Por meio de nossas ações, trabalhamos para sustentar e transformar o “espaço vivido” (Serpa, 2019), contribuindo para uma sociedade mais justa e acessível para todos. Assim sendo,

O homem é um ser ativo. A ação que realiza sobre o meio que o rodeia, para suprir as condições necessárias à manutenção da espécie, chama-se a ação humana. Toda ação humana é trabalho, e todo trabalho é trabalho geográfico. Não há produção que não seja produção do espaço, não há produção do espaço que se dê sem o trabalho (Santos, 2021, p. 96).

Em relação a essa perspectiva, podemos refletir de maneira mais crítica sobre o conceito de espaço, tanto na teoria quanto na prática. Desde os livros até a realidade vivenciada, deixamos o abstrato para trás e o transformamos em algo concretamente palpável.

Por meio das diversas ações humanas, o meio é produzido, estruturado e sustentado, de forma a atender às nossas necessidades sociais. Quando o ser humano interfere no ambiente em que vive, atribui valor e significado a ele. Como apontado por Yi-Fu Tuan (2012), isso se relaciona com a “*topofilia*”, que é a conexão social com o espaço vivido e compartilhado. Aspectos pessoais nos conectam a um determinado *ESPAÇO*.

Deste modo, “[...] refletir sobre os processos ocorrentes no âmbito da relação entre espaço e sociedade” (Catalão, 2011, p. 174) torna-se indispensável, assim, é fundamental observar o produto final obtido das ações sociais, ou seja, considerar a “[...]cidade a sociedade urbana, [...] o que favorece as ideologias subjacentes: o organicismo (cada ‘sociedade urbana’, em si mesma, seria um ‘todo’ orgânico)” (Lefebvre, 2019, p. 17).

O dinamismo presente no espaço torna-o suscetível às mudanças constantes, refletindo na produção e estruturação do meio. O tecido urbano é a expressão final que se materializa por meio de nossas ações e necessidades sociais. Com uma perspectiva urbana, discutir o espaço e suas dinâmicas internas é mais fácil, especialmente ao considerar o uso e ocupação do solo urbano pela sociedade. Isso pode ser visto como uma forma de antropologia da cidade.

Além disso, pensar na elaboração do meio social nos leva a observar sua configuração orgânica. Com efeito, o espaço está em constante movimento devido aos agentes que o compõem. Sua essência é subjetiva, mutável, maleável e, acima de tudo, transmutável. Desse modo, descrever adequadamente a imensidão da dinâmica de produção do espaço é desafiador, ao passo que há um entrelaçamento entre o que é fixo e o que é fluido, cruzando-se e, às vezes, se desencontrando. Por conseguinte,

O espaço é [...] sempre, formado de fixos e fluxos. Nós temos coisas fixas, fluxos que se originam dessas coisas fixas, fluxos que chegam a essas coisas fixas. Tudo isso é o espaço. Os fixos nos dão o processo imediato do trabalho. Os fixos são os próprios instrumentos de trabalho [...] incluindo a massa dos homens, [...] os fluxos são os movimentos, a circulação (Santos, 2021, p. 85-86).

Assim, os fluxos podem ser compreendidos como os fatores sociais, tais como a cultura e a religião. Já os fixos, por sua vez, estariam associados à materialização dos fluxos, sendo os templos religiosos um exemplo. O fenômeno religioso é subjetivo, ou seja, vivenciado, e é fluido e dinâmico. No entanto, ele se materializa por meio de suas expressões enquanto experiência religiosa, como as igrejas e os espaços sagrados. Portanto, esses elementos também são considerados fixos devido à sua materialização socioespacial.

Nessa ótica, aferimos que “[...] no Brasil há um considerável conjunto de centros religiosos que merecem estudos que contribuam para o conhecimento [...] em razão da valorização que o sagrado impõe ao lugar” (Rosendahl, 2009, p. 39). Noutras palavras, podemos dizer que o espaço como produto é originado através de nossas necessidades e particularidades, ou seja, o espaço enquanto produto é atribuído certo valor simbólico material. Desse modo, “[...] digamos que a sociedade produz a paisagem, mas que isso jamais ocorre sem mediação” (Santos, 2021, p. 61). O espaço enquanto produção deve ser pensado a partir dos sujeitos como figuras centrais e ativas, criando e mudando o meio, modelando os espaços conforme os padrões da sociedade surgem. Assim sendo,

[...] descobrimos o essencial do fenômeno urbano na centralidade. Mas na centralidade considerada com o movimento dialético que a constrói e a destrói, que cria ou a estilhaça. Qualquer ponto pode se tornar central: Esse é o sentido do espaço-

tempo urbano, [...] assim se concebe o urbano, assim ele é percebido, assim é sonhado, confusamente (Lefebvre, 2019, p. 132).

Com efeito, ao se discutir a produção espacial, deve-se tomar muito cuidado para não atropelarmos passos que a nós são fundamentais na busca por compreensão do fenômeno urbano, em que a sua presença é possibilitada e constituída por meio de fatores condicionantes. Concernente a isso, Ana Fani afirma que

O espaço, é compreendido como movimento e processo que se realiza como condição, meio e produto da reprodução da sociedade permite desvendar também os níveis da realidade e as escalas imbricadas, capazes de fornecer uma compreensão das tensões que explodem conflitos no plano de vida cotidiana. Como exemplos de níveis há o econômico, político e o social [...] (Carlos, 2016, p. 74).

Em síntese, nota-se que os condicionantes induzem o espaço a ser produzido em uma espécie e forma de estrutura. Ele é formado, modelado e principalmente mantido. Em meio a essa teia socioespacial criada, ou seja, entre o dinamismo e os fatores sociais com o meio, a cidade pode se emergir, à medida que ganha a sua forma e estrutura, uma vez que a mesma é o resultado do uso e ocupação do solo urbano. Nesse sentido, o plano urbano é “[...] regulado pelos mecanismos da apropriação, do condicionamento e da reprodução social” (Frémont, 1980, p. 242).

Em virtude disso, analisar a formação do espaço social por meio da cidade, viabiliza ao pesquisador interpretar a realidade que é vivenciada. Tal ocorrência é evidenciada e constatada por via das estruturas que permeiam e compõem a cidade enquanto um produto da coletividade. Diante disso, Lefebvre (2019) registra que

A cidade atrai para si tudo que nasce, da natureza e do trabalho, noutros lugares: frutos e objetos, produtos e produtores, obras e criações, atividades e situações. O que ela cria? Nada. Ela centraliza as criações. E, no entanto, ela cria tudo. Nada existe sem troca, sem aproximação, sem proximidade, isto é, sem relações. Ela cria uma situação, a situação urbana. [...] a cidade constrói, destaca, liberta a essência das relações sociais: a resistência recíproca e a manifestação das diferenças procedentes dos conflitos, ou levando aos conflitos. [...] as relações (sociais) sempre se deterioram de acordo com uma distância, no tempo e no espaço, que separa as instituições e os grupos. [...] Daí a característica de violência latente inerente ao urbano (Lefebvre, 2019, p. 133-134).

Em meio a este contexto, é importante tomar nota que conforme o espaço é desenvolvido, o domínio urbano ganha forma, de modo que produz sobre si mesmo um desenho representativo. Este tecido urbano que é desenvolvido, passa a ser colocado como Sintaxe

Espacial¹⁰. Assim, a sintaxe espacial nada mais é do que a discussão acerca de como a produção urbana se dá. Considerando seu desenvolvimento e o estudo do desenho, o fenômeno urbano passa então a obter e a formar a estrutura maior que é a morfologia urbana.

Dentro da sintaxe espacial, a pauta principal é pensar no desenho urbano. Ou seja, é refletir sobre como a cidade passou a ficar estruturada de uma determinada forma. Nesse contexto, é importante considerar os fatores que promoveram esse desenho e questionar por que a estrutura urbana de um ponto específico se apresenta de determinada maneira. Isso nos leva a refletir sobre os aspectos sociais que influenciam o espaço como palco das manifestações socioespaciais.

Por outro lado, na morfologia urbana, concentramo-nos em estudar não apenas o desenho espacial, mas também a estrutura concreta do espaço como um todo. Aqui, a estrutura é sólida e abrange um contexto e escala muito maiores. O desenho, embora seja um dos elementos do planejamento urbano, não é o foco central dessa discussão e aprofundamento. Na sintaxe, os fatores sociais se tornam a peça-chave na análise urbanística.

Em contrapartida, é importante ressaltar que, entre os elementos que condicionam o espaço e mantêm sua estrutura, surge um conceito que se torna muito pertinente neste trabalho. Por meio dele, podemos discutir o aspecto social do espaço. Assim, o conceito de segregação espacial se faz presente em nossa discussão. Esse conceito acaba por ser “[...] utilizado para analisar (ou mesmo denunciar) as desigualdades nas cidades, [...] até mesmo as separações de atividades econômicas [...] e o acesso desigual da população” (Vasconcelos, 2021, p. 24).

Assim, por meio da segregação espacial, é gerado em meio ao tecido urbano, áreas que passam a “[...] separar e eliminar um grupo particular da população, externamente definida como racial ou étnica” (Vasconcelos, 2021, p. 25), possibilitando o efeito de marginalização sócio-espacial, fator esse que a sintaxe espacial toma para si ao analisar o contexto das relações sociais com o meio.

Com efeito, o fator religioso, enquanto um dos condicionantes do espaço, como já discutido, é abordado por meio da cultura. Nesse contexto, cabe muito bem considerar a produção espacial no contexto do fenômeno religioso. Isso nos permite enxergar e compreender o espaço como uma estrutura com filamentos, possibilitando a observação “[...] sobre as

¹⁰O termo **SINTAXE ESPACIAL** foi inserido nas discussões espaciais por meio de Bill Hillier juntamente de outros colaboradores da Universidade de Londres, isto durante a década de oitenta, buscando entender e refletir a configuração espacial por meio do traçado urbanístico e as relações sociais envolvidas, assim, dando grande contribuição para os estudos dentro da Arquitetura, Urbanismo e na Geografia Urbana, nesta última por sua vez, ainda pouco explorado o termo.

dimensões da vida cotidiana e aprofundar o papel das representações nos processos de produção do espaço” (Serpa, 2019, p. 85).

Todavia, é válido ressaltar que, em meio a este processo, são produzidas lacunas e fragilidades sociais. Neste sentido “[...] o sagrado e o urbano é, assim, uma fonte de reflexão e inspiração para essa infundável tarefa de tornar inteligível a ação humana sobre a superfície terrestre” (Corrêa 1998, *apud* Rosendahl, 2009, p. 12).

Mediante isso, podemos constatar a manifestação do fenômeno segregatório e espacial por meio da lente religiosa. Através da marginalização das religiões de matriz africana, que são alvos constantes de intolerância religiosa em nosso país, essas religiões são submetidas a uma vulnerabilidade de violência socioespacial.

A partir disso, podemos interpretar o espaço e sua elaboração como uma construção fragmentada. No contexto de produção do espaço urbano, o geógrafo Rogério Haesbaert (2006) atribui o termo *Microespaços* aos estudos sobre a produção das cidades. Ao observar a ocupação desses espaços, nota-se que a apropriação se dá de maneira fragmentada no contexto de uso e ocupação do solo urbano. Ou seja, os indivíduos vivenciam os espaços públicos de forma distinta, mesmo quando compartilham os mesmos ambientes da cidade. No entanto, suas experiências são diversas.

Figura 6 – Fotografia da orixá Iemanjá decapitada na orla de Cabo Branco, João Pessoa - PB como símbolo da marginalização afro.



Fonte: G1 PB, 2024.

Um exemplo bem forte e, ao mesmo tempo, visível do fenômeno segregatório espacial em discussão, em decorrência da influência cultural religiosa, é a vandalização de uma estátua em homenagem a uma das principais figuras religiosas afro em nosso país: a rainha do mar, a Orixá Iemanjá, também conhecida no meio religioso como Janaína. Localizada na orla da praia

de Cabo Branco, segundo o G1 Paraíba (2024), a imagem encontra-se decapitada desde 2016. Tal motivação foi “associada ao fato de ser uma religiosidade de pretos”, ou seja, mostrando ser uma manifestação de racismo estrutural.

Com isso, podemos observar nitidamente os microespaços ganharem forma por meio da intolerância religiosa sofrida pela população adepta da religiosidade afro, que é submetida à vulnerabilidade socioespacial. Isso ocorre devido a um racismo instituído de modo cultural, no qual o fenômeno religioso no espaço materializa o conceito de Haesbaert (2006), criando espaços de vulnerabilidade.

Como podemos ver, essa ocorrência resulta na criação de espaços de vulnerabilidade, ou melhor, se manifesta como bolhas sociais de marginalização, conforme Erving Goffman (1981) descreve dentro do contexto espacial das cidades. Essa marginalização propicia a fragmentação dos espaços, evidenciando suas fragilidades sociais. Essas fragilidades têm um impacto direto nos espaços públicos, interferindo na vida cotidiana e no fluxo de ocupação de determinadas áreas. O exemplo citado reforça o quanto as religiões de matriz afro são marginalizadas em nosso país, desde seus primórdios até a contemporaneidade. Isso reflete um “estigma social” histórico (Goffman, 1981).

Além disso, vale salientar que Cabo Branco corresponde a uma das localizações mais nobres da capital paraibana, João Pessoa. Essa condição ultrapassa a questão socioeconômica, abrangendo desde a periferia até áreas nobres, como pode ser observado. A vista é o que possibilita essa diversidade, tendo em vista ser mais amplo e também estrutural.

2.1.2 CULTURA RELIGIOSA E A DICOTOMIA SÓCIO-ESPACIAL URBANÍSTICA: UM OLHAR DA CULTURA AFRO-BRASILEIRA EM MARI-PB

Ao discutirmos a produção espacial por meio da cultura, somos levados a refletir sobre o espaço como uma estrutura orquestrada. A cultura, em seu âmago, evidencia um dinamismo semelhante ao de um grande organismo vivo. Assim, ela não apenas compõe o espaço, mas também serve como sua alma, enfatizando a identidade coletiva e reafirmando sua existência perante o mundo por meio de suas expressões que o materializam socialmente.

Dentro desse contexto, uma das expressões culturais mais relevantes para estudar a sociedade é o fator religioso, como discutido anteriormente. A religiosidade sempre esteve presente em diversas culturas e civilizações, e, portanto, a sociedade e a religiosidade se entrelaçam em um elo temporal que ultrapassa gerações. Desse modo,

A religião seria o sentimento coletivo vivenciado como realidade, pois é a sociedade que transmite a seus membros um sentimento de dependência e respeito; ela seria

religiógena. Ao transformar o religioso em uma dimensão intrínseca da sociedade (o projeto de sociedade é a alma da religião), ao ressaltar o poder de sua expressão e de fortalecimento de laços sociais (Willaime, 2012, p. 33).

Com efeito, “[...] a geografia chega ao século XXI dedicando-se cada vez mais a compreensão das dimensões política e religiosa do espaço, [...] hierocracia, o poder do sagrado, que se manifesta espacialmente por uma organização territorial” (Rosendahl, 2001, p. 09). Nesse contexto, torna-se cada vez mais importante a discussão antropológica do homem com o meio ao qual vive, além da sua elaboração para tal, de modo que “[...] o espaço é igual a paisagem, mas a vida nela existente; é a sociedade encaixada na paisagem, a vida que palpita conjuntamente com a materialidade” (Santos, 2021, p. 80).

Diante dessa colocação, a geografia expande seus horizontes de discussão, e por meio da religiosidade, pode-se abarcar o espaço e seus movimentos. Em síntese, podemos dizer que esses movimentos e todas as vezes que apontamos o dinamismo socioespacial, estamos nos referindo que o “espaço é estrutural” (Santos, 2021, p. 80), e que sua estrutura é viva, portanto, orgânica, que se faz e refaz a todo momento. A cultura é um grande espelho disso, na medida em que ela, na contemporaneidade, difere radicalmente das culturas antigas. No entanto, seus resquícios não se perderam totalmente no tempo; pelo contrário, a sociedade, em sua eterna metamorfose, acaba por absorver, reciclar e reformular o lado orgânico social.

Neste cerne, o processo de produção do espaço por meio do agente cultural e religioso, esboça a sociedade como sendo um processo orgânico. Tal natureza, proveniente da relação entre nós, o meio, que na fenomenologia é caracterizada por espaços vividos (Serpa, 2019) e o tempo, podemos dizer que a cultura e o espaço são frutos de uma “modernidade líquida” (Bauman, 2022, p. 63) devido ao seu dinamismo que a faz ser remodelada constantemente, tendo em vista ser de suma importância salientar, em meio a isso, que “[...] o fenômeno humano é dinâmico, e uma das formas de revelação desse dinamismo está, exatamente, na transformação [...] do espaço habitado” (Santos, 2021, p. 42).

Portanto, conforme o espaço sofre alterações devido às mudanças de interesses sociais, “novas transformações no espaço” (Corrêa, Rosendahl, 2013, p. 152). Neste sentido, há muitas transformações, podendo ser dentro de um contexto material ou imaterial. Material na perspectiva de uso e ocupação do solo urbano, ou seja, a produção do espaço enquanto cidade, à medida que “[...] a concentração da população acompanha os meios de produção. O tecido urbano prolifera” (Lefebvre, 2021, p. 19).

Diante disso, Lefebvre (2021), na sua análise sobre a produção do espaço urbano enquanto um contexto de discussão social, diz que

Do mesmo modo, em seguida, utilizando as palavras "revolução urbana", designaremos o conjunto das transformações que a sociedade contemporânea atravessa para passar do período em que predominam as questões de crescimento [...] o urbano [...] esse eixo é ao mesmo tempo espacial e temporal: espacial porque processo se estende no espaço que ele modifica; temporal, uma vez que se desenvolve no tempo, de início como aspecto menor da prática e da história (Lefebvre, 2019, p. 21-23).

Com efeito, o nosso recorte espacial não se distancia de tal ocorrência. O nosso aparato de estudo delimita-se a partir da cidade de Mari, situada no interior do Estado da Paraíba, encontrando-se a cerca de 50km da capital João Pessoa. Segundo o portal da secretaria municipal de desenvolvimento econômico e agrário da cidade (SMDEA/MARI), Mari tem seus primeiros passos em 1871, com o projeto de construção de uma ferrovia; uma estrada de ferro que teria função de ligação “[...] entre a capital da província e a cidade de Alagoa Grande com ramificações até as emancipada das cidades de Guarabira e Ingá. Em 1873, foi responsável pela colonização do local, onde hoje se encontra edificada a cidade” (Prefeitura de Mari, 2024)

Figura 7 – Fotografia da parte superior do perímetro urbano do centro da cidade de Mari-PB.



Fonte: SMDEA/MARI, 2024.

Diante disso, a materialidade espacial dentro do nosso ambiente de estudo surge considerando o processo de expansão urbanística e o aprimoramento territorial desde a rústica colonização local no século XIX. Por outro lado, o olhar sobre a imaterialidade entra em cena a partir do contexto cultural, expressando-se aos nossos olhos através da religiosidade. Essa, por sua vez, corresponde agora ao nosso ponto-chave de interesse.

Além disso, aborda as transformações espaciais por meio de sua organicidade contida no espaço, através da cultura. Isso nos induz a refletir e questionar a presença humana no meio

em que habitamos, colocando em discussão suas expressões sociais. Através dessas expressões, é possível atribuir uma marca própria à identidade desse espaço. Ou seja,

[...] é sobre refletir em como o mesmo se expressa e dá a sua (cara) ao meio, o tornando seu propriamente dito, o moldando para que, o Espaço, como produto e objeto, ele possa ser modelado ao ponto de torná-lo possuidor de um encaixe perfeito, ou melhor, possibilitar que o próprio se desenvolva conforme seus utilizadores desejam e também necessitam (Maximino, Costa, 2024, p. 31).

Em concerne, uma geografia dos espaços vividos é posta em discussão como aparato investigativo, na premissa e “[...] convite para se debruçar sobre as dimensões da vida cotidiana e aprofundar o papel das representações nos processos de produção do espaço” (Serpa, 2019, p. 85). Ademais,

A medida que esses espaços são modificados pela religião, a sociedade encontra formas diferentes de apropriar-se do território que estão inseridas, visto que, por se tratar de uma construção sociocultural que é construída pelas culturas, valores, tradições, histórias, políticas e códigos, quando valorizadas fortalecem a autoestima dos grupos locais, ou seja, tem na identidade sua principal característica (Oliveira, Perafán, 2007 *apud* Soares, 2021, p. 90).

A partir da citação acima, observa-se que a produção socioespacial na perspectiva cultural e também religiosa, “[...] não apenas cria espaços sagrados, como também procura materializar seus sentimentos, imagens e pensamentos neles” (Rosendahl, 1996, p. 33), ao ponto, de também reverberar e ao mesmo tempo de expor mais que apenas uma experiência espiritual, mas, transcendendo-se para uma sensibilidade espacial e sua geograficidade, a revelar intrinsecamente sua arraigada relação sócio-espacial.

Figura 8 – Fotografia de momento religioso na Paróquia da cidade de Mari-PB.



Fonte: Acervo pessoal do autor (2022).

Subsequentemente a isso, o contexto religioso em Mari inicia-se ainda no final do século XIX, a história da cidade conta que em

[...] 1883, possui o seu primeiro templo católico, uma pequena capela, que para devoção própria e de sua família, foi construída pelo Sr. José de Luna Freire, católico praticante e chefe da estação da Companhia Ferroviária, o qual, em 1901 construiu um templo um pouco maior, onde frequentavam já bastante fieis. Foi benta no dia 10 de dezembro de 1901 pelo Revmº. Pe. Antônio Pereira de Castro, vigário na época de Gurinhém e Araçá nome este ao qual era direcionada a atual Mari da época (SMDEA/MARI, 2024).

Assim, a cidade surgiu a partir da Igreja e também da ferrovia, uma realidade de muitas outras cidades em nosso país. Partindo desse pressuposto, podemos compreender então a religiosidade como meio de produção social, cultural e também espacial, ao ponto que “é possível reconhecer o sagrado como elemento de produção do espaço” (Rosendahl, 2009, p. 15) ontem, hoje e também depois do amanhã, de modo, que os “critérios socioculturais podem ser tão importantes quanto fatores como clima e tecnologia para influenciar a construção do espaço” (Rosendahl, 2009, p.15). Com efeito,

[...] os terreiros de candomblé [...] são exemplares nesse sentido, cumprindo importante papel para a disseminação de ativismos socioculturais [...] exercendo [...] trabalhos de cunho sociocultural nas áreas onde estão inseridos [...] particularmente em [...] discurso do resgate e da valorização das tradições afro-brasileiras [...] em uma esfera pública urbana (Serpa, 2019, p. 89-90).

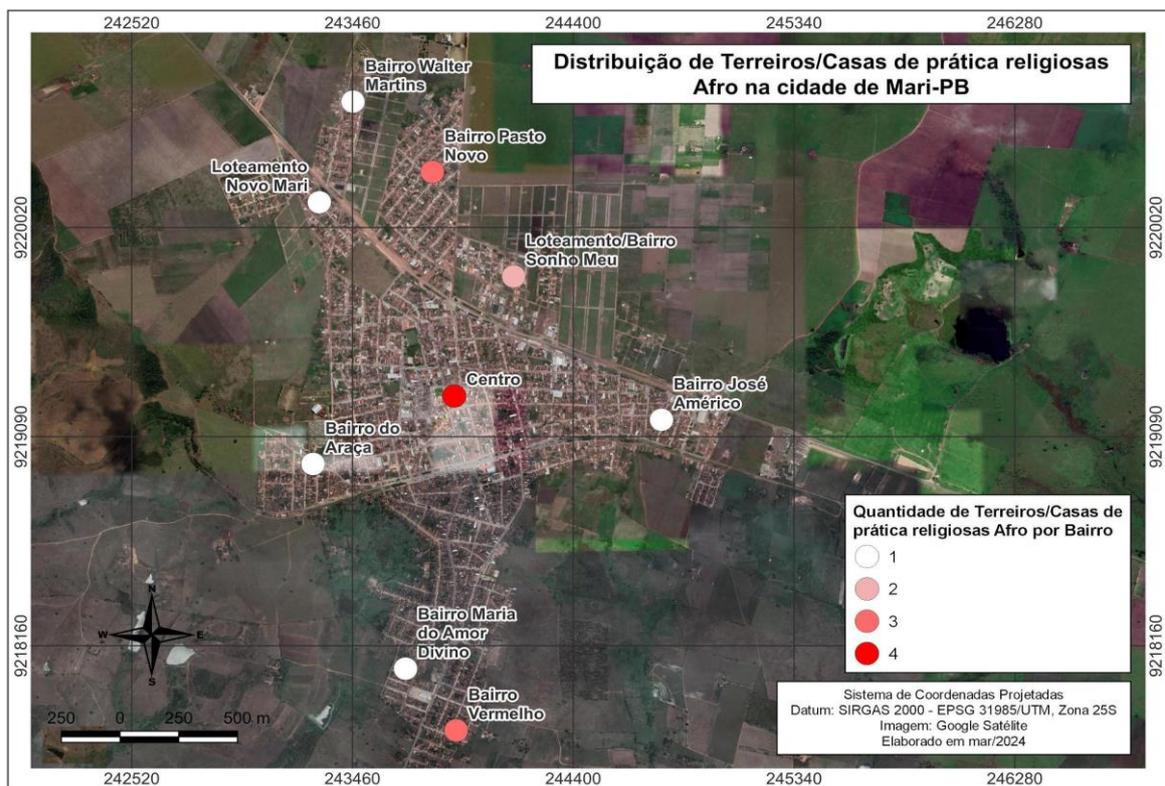
Figura 9 – Fotografia interna de espaço sagrado afro em Mari-PB (Tenda de Jurema Maria Luziara e Mestre Zé Buíque)



Fonte: Acervo pessoal do autor (2024).

Diante disso Mari possui, em seu âmago social, uma grande influência cultural e também religiosa, sendo percebida através da forte presença das múltiplas expressões populares de cunho cultural e religioso. Estendendo-se desde as 29 comunidades de religiosidade católica, se fazendo presente espacialmente a partir das capelas nos bairros da cidade, as quais são ligadas à Matriz do Sagrado Coração de Jesus. Fora isso, há um significativo percentual de terreiros dentro da cidade, sendo encontradas 17 casas de prática religiosas afro, dentre elas, variando entre Umbanda, Candomblé e a Jurema, evidenciando por meio disso, ser um ambiente heterogêneo sócio-espacialmente, multicultural e também multi-religioso. Em vista disso,

Figura 10 – Mapa de Geolocalização dos Terreiros em Mari - PB a partir da pesquisa de campo na etapa II.



Fonte: Elaborado pelo autor (2024).

Posto isso, observa-se que os terreiros presentes na cidade ocupam espaços periféricos dentro do perímetro urbano, mostrando a partir da sintaxe espacial o seu distanciamento para as bordas do mesmo, de maneira, a reverberar a partir do modelamento espacial uma análise crítica do uso e ocupação dos espaços, indo de encontro à discussão de direito à cidade, uma vez que:

O espaço geográfico revela-se em suas dimensões material - que se refere à dimensão física, espaço-tempo da vida real [...] concreta [...] a sociedade produzindo e

reproduzindo-se e tomando consciência de sua produção [...] abstrata [...] o plano conceitual, no qual o conhecimento e a análise descobrem categorias novas (Carlos, 2011, p. 66-67).

Posto isso, “[...] ao observarmos somente as formas espaciais, esquecemos aquilo que lhes dá a vida e sentido, ou seja, a maneira pela qual este espaço é vivido” (Rosendahl, 2001, p. 94). Em contrapartida, a noção de espaço vivido representa, “[...] para Frémont, uma ruptura com uma geografia que se quer demasiadamente objetiva. É uma inversão de olhar, um convite para que os geógrafos se coloquem na posição dos habitantes de um território, para compreender como vivem [...] o espaço” (Serpa, 2019, p. 85), de modo a deixar de lado o tradicionalismo investigativo.

Portanto, mediante isto “[...] deseja-se sugerir uma maneira particular de se olhar as cidades em relação ao seu contexto cultural, estabelecendo um elo entre religião, a gênese da cidade” (Rosendahl, 2009, p. 15) ao ponto que “[...] o sagrado representa [...] uma leitura do mundo onde cada momento, espaço ou relação, possui seu lugar na hierarquia qualitativa” (Rosendahl, 2001, p. 44).

Como pode ser observado no mapa, a cidade de Mari encontra-se imersa no fenômeno religioso afro. Sua presença cultural é percebida em praticamente todas as áreas locais, estando ao mesmo nível da forte presença religiosa do segmento cristão católico, que corresponde à religiosidade predominante. Subsequentemente a isso, podemos afirmar que a cidade de Mari é um espaço onde pulsa o fenômeno cultural e religioso de forma intensa. Essa colocação é evidenciada pelo próprio tecido urbanístico, por meio da subjetividade imaterial que é a cultura manifestada através das experiências religiosas.

Ou seja, urbano é o meio encontrado pela imaterialidade subjetiva contida na cultura para se substancializar espacialmente. Através de suas expressões, possibilita a produção social das cidades, de modo que podemos subentender o fenômeno por uma produção socioespacial que ganha sua forma neste contexto de discussão através dos espaços sagrados, uma vez que “[...] o urbano é abstrato, [...] o urbano se funda: uma prática social em marcha, a prática urbana em via de constituição” (Lefebvre, 2019, p. 33).

Figura 11 – Fotografia de momento religioso em um dos Terreiros de Umbanda/Jurema em Mari. (Tenda de Jurema Maria Luziara e Mestre Zé Buíque).



Fonte: Acervo pessoal do autor (2024).

Não obstante, essa constituição, proveniente do lado social enquanto produto da sociedade no coletivo, acaba por mascarar muitas fragilidades e lacunas em seu âmago. Assim, quando estudamos o espaço de forma profunda, nos deparamos com bolhas sociais em seu interior, as quais segregam e distanciam grupos dos direitos assistenciais por parte do poder público. Isso nos leva à discussão de um suposto mito quanto à existência de democracia racial em nosso país.

Discute-se, na atualidade, a possibilidade efetiva de uma democracia racial no Brasil. Entretanto, tal discussão não passa de mera falácia nacional de cunho político. Por conseguinte, o discurso difere das ações em nosso país, tendo em vista que, quando se trata de questões raciais, não são tratadas devidamente e são postas como algo medíocre e inferior em comparação a outras intervenções no espaço por meio do poder público.

Tal fato de inferiorização das questões raciais em nosso país, é uma forma de invisibilizar o ser negro dentro de um espaço que, em tese, não foi feito para que o negro seja protagonista. Logo, depreendemos a existência de “[...] um fenômeno institucional e/ou estrutural” (Almeida, 2022, p. 64) propagado em forma de racismo que, nesse momento em específico, uma de suas manifestações se dá por via do racismo institucional.

Fazendo um breve adendo sobre isso, vale relembrar um caso bem recente (2024), ao qual no início deste ano, um motoboy negro que foi vítima de violência e no final foi transformado em criminoso no ocorrido no sul do país. À vista disso,

O Ministério da Igualdade Racial (MIR) considera que o caso do motoboy negro detido pela polícia após ter sido agredido com um canivete em Porto Alegre é um episódio "ilustrativo" do que é o racismo. Em entrevista ao g1, o diretor de Políticas

de Combate e Superação do Racismo do MIR, Yuri Silva, disse não ser necessário que exista uma ofensa racial para que o caso seja visto como um episódio de racismo." O motoboy era vítima, estava sendo agredido por um homem branco e, ao chamar a polícia, ele é preso e conduzido como se ele fosse o agressor. Não tem nada mais ilustrativo e representativo do que é o racismo do que um fato como esse. Ele não precisava ser chamado de 'macaco' para que aquilo se configure um crime de racismo (G1Rs, 2024).

Tal situação não fica reclusa apenas nesse contexto, pois o racismo também se manifesta por meio da religiosidade, o que será chamado de Racismo Religioso. Por isso, toda essa discussão posterior a esse momento não faria sentido algum enquanto o ápice de toda a discussão.

Em virtude disso, o fenômeno racial em nosso país se apresenta como uma alienação coletiva. Em outras palavras, é uma ideologia histórica que, devido à sua entronização em nosso percurso histórico, passou a ser naturalizada como uma problemática racial em nosso país. Haja vista o processo brutal ao qual o corpo negro foi submetido em nosso país, conforme apontado por Costa (2016), onde, como herança, deu-se a ocorrência de se “*assimilar o corpo*” negro a “[...] *um mero objeto de comércio e trabalho*” (Marx, 2014). Isso resultou na figura social do ser negro no Brasil carregando o estereótipo de inferiorização.

Posto isso, observam-se os resquícios históricos em nossa cultura social refletindo nos dias de hoje, materializando-se infelizmente sobre os adeptos da cultura afro. Sendo estes os principais receptores deste estigma histórico e temporal, uma vez que suas raízes são negras e seus praticantes guardam em seus corpos e almas esta ancestralidade.

Figura 12 – Fotografia de Preto Velho durante cerimônia religiosa de Jurema em Mari-PB (Tenda de Jurema Maria Luziara e Mestre Zé Buíque).



Fonte: Acervo pessoal do autor (2024).

Mediante isso, é importante salientar que o racismo se propaga de várias maneiras, desde o racismo religioso ao racismo institucional, racismo científico, racismo ambiental, entre tantos outros meios e formas. Todas as formas de racismo são possibilitadas devido à sua natureza estrutural, e essa estrutura busca sempre mitigar o espaço negro, como uma forma de “epistemicídio” (Santos, 2018). À vista disso,

A suspeita de intolerância religiosa, embora não comprovada, é um elemento adicional de preocupação. A divergência religiosa entre Adriana, adepta de religiões de matriz africana e espírita, e a atual Secretária de Saúde, evangélica, levanta questionamentos sobre a influência de crenças pessoais nas decisões administrativas, algo incompatível com os princípios de um Estado laico, o qual Mari deve zelar (Mari Notícias, 2024).

Figura 13 – Registro de matéria sobre caso de intolerância religiosa em Mari-PB.



Fonte: Mari Notícias, 2024.

Em síntese, o fato apresentado serve como um perfeito exemplo resultante das múltiplas formas em que o racismo se expressa. Apesar de se tratar neste caso de racismo religioso, a raiz motivacional é o preconceito plantado pelo racismo estrutural. Neste exemplo tratado, ele ataca o ambiente de trabalho. Por entre as multifacetadas sociais, nossa estrutura social acaba por encobrir a segregação socioespacial em detrimento da intolerância religiosa. Assim, a presente discussão é encerrada, juntando a discussão de racismo e intolerância religiosa com o termo Racismo Religioso.

3 METODOLOGIA

A presente pesquisa buscou estudar o fenômeno cultural e religioso na produção do espaço, por outras palavras, percorreu a produção do espaço a partir do simbolismo religioso. Assim, buscamos questionar a possibilidade existente de relação com um racismo estrutural, fazendo algumas perguntas. Como isso se dá em uma terra miscigenada? Até que ponto a religiosidade tem o poder de controle na produção do espaço por intermédio das pessoas? Qual a influência disso na espacialidade geográfica? A cultura tem relação?

Foram esses questionamentos que nos induziram a buscar respostas que promovam o esclarecimento da intolerância religiosa e a relação com o preconceito étnico-racial. Através do método Fenomenológico predominante, encontramos um dos intelectuais mais conhecidos no mundo científico por seus estudos de caráter social, ao qual nos abriu as portas necessárias para pensar nessa produção espacial.

A partir dessa corrente de pensamento, juntamente com releitura teórica, buscamos olhar a existência de uma segregação social de maneira conflituosa promovida no espaço ao longo do tempo. Essa segregação é gerada em um ambiente subentendido de uma suposta superioridade, o que leva à conjectura da crença de poder e à percepção de disputas por uma espécie de territorialização de áreas no espaço geográfico.

Na busca de entender a espacialização da intolerância religiosa sofrida pelo segmento de matriz afrodescendente, precisamos nos atentar à raiz do problema, conjecturando que venha a ser gerado pelo preconceito étnico-racial. Por sua vez, o racismo estrutural, como é discutido por Silvio Almeida (2022), e que Sueli Carneiro (2011) complementa discutindo sobre o ser negro, trazendo uma reflexão para entender a figura social da pessoa negra dentro do espaço vivido, considerando a essência inicial da cultura brasileira como racista, por ter sido construída em um sistema escravocrata. Esse processo econômico agregou valor à figura negra de forma material, onde o ser humano passou a ganhar a sua materialização e valor, discutida por Marx no livro *O Capital* (2014).

Discutir o racismo estrutural como uma cultura não é de hoje. Isso infere a construção da identidade populacional de nosso país. Tanto que acaba por ser um dos pontos mais debatidos quando o assunto é a sociedade brasileira, como é apontado por Darcy Ribeiro (2023) em seu livro *O Povo Brasileiro*. Ela discorre sobre a formação da identidade populacional do Brasil, que se dá a partir de três pilares: o viés europeu, os povos originários (indígenas) e, principalmente, de forma compulsória, o percentual africano.

E considerando toda essa discussão sobre a população e o espaço, o geógrafo Milton Santos apresenta uma gama de escritos no qual vai abordar questões sociais em que não há política pública sem entender o espaço e sua dinâmica, que para isso usufruímos de *O Espaço Cidadão* (2007) e *Metamorfose do Espaço Habitado* (2021), este último nos apresentando a busca pelo espaço, para assim chegar na compreensão do próprio objeto estudado, e que ao lado do Roberto Lobato Corrêa (1991) esclarecemos um pouco melhor as ideias da dinâmica espacial, dinâmica essa que pode vir a ser bem cruel e criadora de exclusão e marginalização, apontamentos feitos por Erving Goffman (1981) com os estigmas e a identidade do ser social.

Em meio a essa discussão, Zeny Rosendahl, em suas contribuições nos textos *Religião, Identidade e Território* (2001) e *Introdução à Geografia Cultural* (2003), aborda questões relacionadas à religião e espacialização. Junto a ela, Jean-Paul Willaime (2012) também se aprofunda nas discussões sobre religião. Esses autores são alguns dos pilares de debate acerca do racismo e da territorialidade espacial, levando-nos a refletir sobre a intolerância religiosa e o papel da religiosidade como arquétipo cultural na construção do espaço. A fenomenologia também nos oferece suporte para compreender a intrínseca relação entre Cultura, Religiosidade e Racismo na produção espacial.

Nesse contexto, o estudo adota uma abordagem exploratória e qualitativa, desenvolvido em três etapas com base em fontes primárias e secundárias. A primeira etapa consistiu em um levantamento bibliográfico sobre a produção do espaço, focando no aspecto social do arquétipo urbano. Investigamos os fatores socioespaciais, com ênfase na cultura e religiosidade, e também abordamos a questão racial.

A segunda fase do estudo envolveu uma pesquisa de campo para georreferenciar os terreiros religiosos na cidade de Mari, catalogando suas localizações por bairros. Durante essa etapa, realizamos breves diálogos com membros da comunidade afro-religiosa na cidade, identificando diversos relatos de intolerância religiosa. Alguns colaboradores demonstraram receio em compartilhar informações sobre os espaços sagrados. No total, mapeamos 17 locais de prática religiosa afro na cidade.

Por fim, a etapa mais relevante não foi menos importante: a visita interna a um dos terreiros da cidade em 27/05/2024. Nessa visita, exploramos um ambiente religioso que segue as tradições da Umbanda e da Jurema. Coletamos imagens em forma de fotografias e vídeos, além de vivenciar pessoalmente a experiência de fé. O vídeo está disponível no YouTube na seção de APÊNDICES. O terreiro visitado é liderado por Pai Jocelio, um praticante de Umbanda e Jurema desde 2000. Ele fundou seu próprio espaço sagrado em 2012 e atualmente

Em 2023, o estudo foi refeito e, mais uma vez, constatou-se que a situação permanece a mesma. O portal das Nações Unidas Brasil afirmou que o “Racismo ainda marca a vida de brasileiros” (Nações Unidas Brasil, 2023), evidenciando que a estrutura que perpetua a problemática do racismo no Brasil é algo extremamente sólido. Esse problema afeta a vida da população de várias maneiras, na medida em que se manifesta tanto dentro quanto fora desse grupo marginalizado. Um exemplo disso é enfatizado no livro *Pele Negra, Máscaras Brancas*, de Frantz (2020). No entanto, surge um questionamento: por que muitos orixás, sendo de origem africana, são representados como brancos? A figura de Iemanjá é um bom ponto de partida para a discussão e análise da proporção racial no Brasil. Desse modo,

Figura 15 – Foto de Iemanjá sendo representada negra pela primeira vez.



Fonte: G1 PI, 2024.

Ela ficou popularizada como branca, por conta do sincretismo religioso. Ou seja, a união e reinterpretação de elementos de religiões diferentes, para maior aceitação. De uns anos para cá, entretanto, isso mudou. É cada vez mais comum ver Iemanjá representada como negra”, explicou o coordenador do Movimento de Matriz Africanas, Pai Rondinele de Oxum (G1PI, 2024).

Diante disso, foi possível ver o racismo brasileiro em muitos setores sociais. O presente quadro precisa ser combatido. Nesta linha de análise, esta pesquisa pôde ser comprovada sua existência e a conjectura feita sobre a relação racial com a religiosidade. Dessa forma, a pesquisa atingiu seu objetivo investigativo.

Em relação às etapas 2 e 3 da pesquisa de campo realizada entre os dias (04/03/2024 e 27/05/2024), observou-se uma forte presença de pessoas negras entre os praticantes da religiosidade afro nos 17 terreiros da cidade catalogados. Houve também predominância de pardos e um percentual menor de brancos. No entanto, a grande maioria relatou já ter sido alvos

de preconceito em virtude de sua fé, sendo encontrado relatos de vários filhos também na (Tenda de Jurema Maria Luziara e Mestre Zé Buíque) onde houve a visita interna durante o campo. Isso foi revelado quando questionados se já vivenciaram a experiência de preconceito religioso alguma vez.

Todavia, vale pontuar que muitos se opuseram a se expor durante a coleta de dados para a pesquisa, preferindo permanecer de forma anônima e até mesmo negando informações mais aprofundadas sobre seus espaços de culto religioso. Isso pode ser interpretado como receio de retaliações e vandalismo. Esse comportamento corresponde a um reflexo comprobatório do estudo realizado e vai ao encontro da discussão de Sueli Carneiro (2011), em que a mesma aponta que o racismo no Brasil cria mazelas e fragilidades sociais, promovendo desigualdades espaciais. Essa luta pelo direito de ser assume uma pauta e postura de direitos humanos, permeada pela dor da cor.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Por meio do estudo realizado, tanto na parte teórica quanto na parte prática, observou-se o quanto a mancha da escravidão ainda está presente em nosso país, perseguindo a população negra como uma sombra em sua manifestação sócioespacial. Os terreiros, por meio do culto afro, tornaram-se o principal alvo desse fenômeno, esboçando não apenas um preconceito racial, mas também um preconceito existencial. Assim, falar sobre racismo religioso através da produção espacial torna-se uma discussão pertinente, de resistência, reexistência e, principalmente, de existência.

Todos esses adjetivos atribuídos à nossa discussão são empregados devido à observação do contexto histórico. A cultura afro se liberta das amarras sociais. Antes, seu credo era perseguido devido à demonização, e essa perseguição persiste até hoje. Por meio do sincretismo, impôs-se uma identidade postiça para evitar sua mitigação através do embranquecimento. Antigamente, os espaços de culto afro eram ocultos, mas hoje já podemos avistá-los nos espaços urbanos. No entanto, em sua maioria, eles estão situados nas bordas do tecido urbano, evidenciando a luta existente por espaço em nossa sociedade. Isso nos leva ao encontro de um discurso velado de uma falsa democracia racial.

Todavia, é importante apontar que, embora a pesquisa tenha alcançado seus objetivos, ela foi concluída para a defesa do curso, apresentando algumas limitações. O difícil acesso durante a coleta de dados em campo e a própria discussão na geografia, ainda pouco explorada, são fatores relevantes. Além disso, o tempo para aprofundamento da pesquisa também foi

restrito. No entanto, esses fatores não tiveram peso suficiente para interferir nos resultados encontrados e no sucesso do produto final.

A partir dessa pesquisa, comprovou-se o envolvimento da questão racial como um forte agente de modelagem do espaço. Ele segrega grupos e é propagado através da naturalização, carregando consigo um arquiteto cultural. Neste estudo, expusemos tanto o viés positivo quanto o negativo do fator cultural e religioso.

Em síntese, espera-se que este estudo amplie a discussão racial em nosso país e leve outros pesquisadores a repensar a produção dos espaços urbanos e da cultura. Descolonizar o olhar sobre as discussões acerca da elaboração das cidades é fundamental, dando voz a todos os indivíduos que constituem os espaços vividos. Isso não deve ficar apenas na teoria, mas também ser aplicado desde as universidades até as escolas, conforme propõe a Lei 10.639 de 2003. Essa lei busca a propagação da cultura negra nos âmbitos educacionais, na esperança de combater exatamente o que foi discutido ao longo deste trabalho: a espacialização do racismo e suas múltiplas expressões de caráter sócio-espacial.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, Silvio Luiz de. **Racismo Estrutural: Femininos Plurais**. São Paulo: Ed. Jandaíra, 2022.
- ASTRAL, Sonho. **São Jorge e Ogum**: descubra a semelhança entre o Santo e o Orixá. Blog Sonho Astral, 2021. Disponível em: <https://sonhoastral.com/articles/2334>. Acesso em: 10 maio 2024.
- BARROS, Nilson Cortez Crocia de. ESPECIAÇÃO NA ANTROPOGEOGRAFIA DE FREDERICO RATZEL. **Revista de Geografia Article**. UFPE - DCG/NAPA, v. 24, n. 1, p. 212-222. 2007. Disponível em: <https://encurtador.com.br/DWW1C>. Acesso em: 11 maio 2024.
- BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade líquida**. Rio de Janeiro: Ed. Zahar, 2001.
- CARLOS, Ana Fani Alessandri. **A Condição Espacial**. São Paulo: Contexto, 2016.
- CARLOS, Ana Fani Alessandri; ALVES, Glória; PADUA, Rafael Faleiros. **Justiça Espacial E O Direito À Cidade**. São Paulo: Contexto, 2017.
- CARLOS, Ana Fani Alessandri; SOUZA, Marcelo Lopes; SPOSITO, Maria Encarnação. **A Produção Do Espaço Urbano: Agentes e Processos, Escalas e Desafios**. São Paulo: Contexto, 2011.
- CARNEIRO, Sueli. **Racismo, Sexismo e Desigualdade no Brasil**. São Paulo: Ed. Selo Negro, 2011.
- CATALÃO, Igor. Socioespacial ou Sócio-espacial: continuando o debate. **Revista Formação Online**, v. 02, n.º. 18, p. 39-62, Jul./Dez. 2011. Disponível em: <https://encurtador.com.br/9dvUk>. Acesso em: 24 dez. 2023.
- CAVALCANTE, L. V.; LIMA, L. C. Epistemologia da Geografia e espaço geográfico: a contribuição teórica de Milton Santos. **Geusp – Espaço e Tempo**, v. 22, n. 1, p. 061-075. 2018. ISSN: 2179-0892. Disponível em: <https://encurtador.com.br/nB5VA>. Acesso em: 19 nov. 2022.
- CNN, Elis Barreto. Relatório do Alto Comissariado da ONU aponta ‘racismo sistêmico’ no Brasil. **Jornal CNN BRASIL**, 2021. Disponível em: <https://encurtador.com.br/1MFRx>. Acesso em: 30 maio 2024.
- COIMBRA, Fábio. A IDÉIA DE CULTURA NO CONTEXTO DIS MODERNOS DISCUSOS CULTURAIS: As contribuições de Terry Eagleton. **Revista Húmus**, V. 6, n. 16, p. 114-122. 2016. ISSN: 2236-4358. Disponível em: <https://encurtador.com.br/kOevR>. Acesso em: 05 maio 2024.
- CORRÊA, Roberto Lobato. **Região e organização espacial**. 7. ed. São Paulo: Ática, 1991.
- CORRÊA, Roberto Lobato; ROSENDAHL, Zeni (Orgs.). **Os Caminhos da Construção Teórica**: ratificando e exemplificando as relações entre Espaço e Religião. ROSENDAHL, Zeny. *In: Geografia cultural: uma antologia*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2013. v. II. p. 103 a 118.
- COSTA, Marcos. **A História do Brasil Para Quem Tem Pressa**. Rio de Janeiro: Valentina, 2016.
- DANIELS, Mark. **A História Da Mitologia Para Quem Tem Pressa**. Rio de Janeiro: Valentina, 2016.

- DE CASTRO, Ivana. **Tradição e cultura popular marcam as festas juninas em Pernambuco. ALEPE.** Disponível em: <https://abrir.link/wgcve>. Acesso em: 04 dez. 2022.
- EAGLETON, Terry. **A ideia de Cultura.** Tradução de Sandra Castello Branco. São Paulo: Editora Unesp, 2005.
- ENTRE SANTOS E ORIXÁS: Preto à Porter, mergulha no Sincretismo religioso. Vídeo. 22min28s. Publicado pelo o Canal UOL. 31 ago, 2021. Disponível em: https://youtu.be/7jE_sbu3zWo?si=pSW9eQ8iDanwwzbn. Acesso em: 05 maio 2024.
- FANON, Frantz. **Pele Negra, Máscaras Brancas.** [S.I]: Ubu Editora, 2020.
- FERNANDES, Florestan. **A Revolução Burguesa no Brasil:** ensaio de interpretação sociológica; prefácio por José de Souza Martins. 5. ed. São Paulo: Globo, 2008.
- FREMONT, Armand. **A Região, Espaço Vivido.** Coimbra: Livraria Almedina, 1980.
- FREYRE, Gilberto. **Casa-grande & senzala.** 42. ed. Rio de Janeiro: Record, 2001.
- G1PB, Gustavo Demétrio. **Estátua de Iemanjá está decapitada há 8 anos na PB, e fórum associa falta de solução a 'ser uma religião de pretos'.** G1 Paraíba, 2024. Disponível em: <https://abrir.link/PmWDH>. Acesso em: 30 maio 2024.
- G1PI, Lucas Pessoa. **Iemanjá ganha nova imagem em Teresina; escultura da 'rainha das águas, mares e oceanos' passou de feição de mulher branca, para de mulher preta.** G1 Piauí, 2024. Disponível em: <https://abrir.link/CUEau>. Acesso em: 30 maio 2024.
- G1RS. **Motoboy negro e morador branco são indiciados por lesão corporal no RS; sindicância descartou racismo por parte dos PMs.** G1 Rio Grande do Sul, 2024. Disponível em: <https://abrir.link/MQZka>. Acesso em: 30 maio 2024.
- GEOGRAFIASPRETAS. **Capitais Mais Negras Do Brasil.** Censo 2022 IBGE. Página do Instagram Geografiaspretas, 07 mar 2024. Disponível em: <https://abrir.link/yKdgr>. Acesso em: 30 maio 2024.
- GOFFMAN, Erving. **Estigma: Notas Sobre a Manipulação da Identidade Deteriorada.** 4. ed. Editora: LTC. 30 out, 1981.
- GOMES, Nilma Lino; MUNANGA, Kabengele. **O Negro no Brasil de hoje.** São Paulo: Global, 2016.
- GONZALEZ, Lilian. **Por Um Feminismo Afro Latino Americano.** [S.1]: Zahar, 2020.
- GRAZISEMCAU2; PINTEREST. **Cultura Bahia: Lavagem do Bonfim, Salvador-Bahia.** Disponível em: <https://pin.it/4JkJSGr>. Acesso em: 28 dez. 2023.
- HAESBAERT, Rogério. **Identidades Territoriais.** In: CORREA, Roberto Lobato; ROSENDAHL, Zeny (org). **Manifestações da Cultura no Espaço.** Editora: EduERJ. Rio de Janeiro-RJ, 1999.
- HAESBAERT, Rogério. **Territórios Alternativos.** 2. ed. São Paulo: Contexto, 2006.
- IBGE. **Brasil, História da Paraíba.** Disponível em: <https://abrir.link/lkhlq>. Acesso em: 13 maio 2023.
- IBGE. **Brasil, Paraíba, Mari.** Disponível em: <https://abrir.link/ooCMd>. Acesso em: 13 maio 2023.
- LEFEBVRE, Henri. **A Revolução Urbana.** Tradução: Sérgio Martins. 2. ed. Belo Horizonte: ED. UFMG, 2019.

MARI-NOTÍCIAS. **DE HEROÍNA DA PANDEMIA À VÍTIMA DA POLÍTICA LOCAL E DA INTOLERÂNCIA RELIGIOSA: O CASO DE MARÍ-PB.** Portal Mari Notícias, 2024. Disponível em: <https://abrir.link/TSWXv>. Acesso em: 30 maio. 2024.

MARX, Karl. **O Capital**: Extratos Por Paul Lafargue. São Paulo: Veneta, 2014.

MAXIMINO, Jacksiel da Silva; COSTA, Iany Elizabeth da. **Geografia Da Religião: O Olhar Cultural Como Elemento De Compreensão Sócio-espacial Da Cidade.** In: PORTUGUEZ, Anderson Pereira; BOLLELI, Talyson de Melo (org). Dinâmicas Sociais, Produção Do Espaço e Ensino De Geografia. Ituiutaba: BARLAVENTO, 2024.

MOURA, Rosa. *et al.* Geografia Crítica: Legado Histórico ou Abordagem Recorrente ?. Revista Bibliográfica de Geografía y Ciencias Sociales. **Universidade de Barcelona**, v. 13, n° 786, Jun. 2008. Disponível em: <https://abrir.link/RSZwM>. Acesso em: 19 nov. 2022.

NAÇÕES UNIDAS BRASIL. **Racismo ainda marca vida de brasileiros.** Organização das Nações Unidas Brasil, 2023. Disponível em: <https://brasil.un.org/pt-br/223176-racismo-ainda-marca-vida-de-brasileiros>. Acesso em: 30 maio. 2024.

RIBEIRO, Darcy. **O Povo Brasileiro: A formação e o sentido do Brasil.** São Paulo: Global Editora, 2023.

RIO, VISIT. **DIA DE SÃO JORGE NO RIO DE JANEIRO: A importância na cultura carioca e dicas para curtir o feriado.** Blog Visit Rio, 2024. Disponível em: <https://abrir.link/byUqo>. Acesso em: 06 maio. 2024.

RODRIGUES, Lia. **Do racismo científico ao design inclusivo: Preconceitos, cérebros e crânios.** Ux Collective, 2021. Disponível em: <https://brasil.uxdesign.cc/do-racismo-cientifico-ao-design-inclusivo-73a7ef4eca44>. Acesso em: 2 dez. 2023.

ROSENDAHL, Zeny. Hierópolis: O Sagrado E O Urbano. 2. ed. Rio de Janeiro: EduERJ, 2009.

ROSENDAHL, Zeny; CORRÊA, Roberto Lobato. **Religião, Identidade e Território.** Rio de Janeiro: EduERJ, 2001.

SANTOS, Boaventura de Sousa. **Construindo as Epistemologias do Sul: Antologia Essencial.** Buenos Aires: Clacso, 2018.

SANTOS, Milton. **Metamorfose do Espaço Habitado: Fundamentos Teóricos e Metodológicos da Geografia.** 6. ed. São Paulo: Edusp, 2021.

SANTOS, Milton. **O Espaço do Cidadão.** 7. ed. São Paulo: Edusp, 2007.

SANTOS, Milton. **Por Uma Geografia Nova: Da Crítica da Geografia a Uma Geografia Crítica.** 3. ed. São Paulo: Hucitec, 1990.

SÃO JORGE É CELEBRADO NESTE 23 DE ABRIL. Vídeo. 4min14s. Publicado pelo o perfil do Instagram PORTALG1. 23 abr. 2024. Disponível em: <https://abrir.link/CIuuC>. Acesso em: 05 maio. 2024.

SERPA, Ângelo. **Por Uma Geografia Dos Espaços Vividos: Geografia e Fenomenologia.** São Paulo: Contexto, 2019.

SILVA, Alcinéia de Souza. A REGIÃO EM TEMPOS DE GLOBALIZAÇÃO. **Revista Equador (UFPI)**, v. 6, n. 1, p. 74-92, abr., 2017. ISSN: 2317-3491. Disponível em: <https://abrir.link/fDZeN>. Acesso em: 29 maio 2024.

SILVA, E. O; TORRES, E. N. **A nova regionalização do IBGE de 2017: Uma análise a partir do estado da Paraíba.** Brazilian Journal of Development. Curitiba. v.9, n.1, p. 1509-1521, jan., 2023. ISSN: 2525-8761. Disponível em: <https://abrir.link/UoGsf>. Acesso em: 13 maio 2023.

SILVA, Vagner Gonçalves da. **Candomblé e Umbanda**: Caminhos da devoção brasileira. 5. ed. São Paulo: Selo Negro, 2005.

SMDEA/MARI. **Mari e Sua História**. Secretaria Municipal de Desenvolvimento Econômico e Agrário - Prefeitura de Mari, 2024. Disponível em: <https://abrir.link/kyzza>. Acesso em: 30 maio 2024.

SOARES, Luana Eduarda da Silva; SOARES, Jamilson Azevedo. Identidade Cultural em Construção: Território, Juventude e Religião. **Revista Pensar Geografia**, v. 04, n.º. 02, p. 86-95, Jan./Fev. 2021. Disponível em: <https://abrir.link/txezS>. Acesso em: 28 dez. 2023.

TUAN, Yi-Fu. **Topofilia**: um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente. Londrina: EDUEL, 2012.

VASCONCELOS, Pedro de Almeida; CORRÊA, Roberto Lobato; SILVANA, Maria Pintaudi. **A Cidade Contemporânea**: Segregação Espacial. São Paulo: Contexto, 2021.

WILLAIME, Jean-Paul. **Sociologia Das Religiões**. São Paulo: UNESP, 2012.

APÊNDICES

APÊNDICE A - Link do vídeo documental da pesquisa de campo no terreiro.

- <https://youtube.com/shorts/arLHW8tsgVw?si=OohgnUXzJqPjbFOs>

APÊNDICE B - Fotografia (1) de parte dos membros do Terreiro visitado.



Fonte: Acervo pessoal do autor (2024).

APÊNDICE C - Fotografia (2) de parte dos membros do Terreiro visitado.



Fonte: Acervo pessoal do autor (2024).

APÊNDICE D - Fotografia (3) de parte dos membros do Terreiro visitado.



Fonte: Acervo pessoal do autor (2024).

APÊNDICE E - Fotografia (1) da cerimônia religiosa Umbandista.



Fonte: Acervo pessoal do autor (2024).

APÊNDICE F - Fotografia (2) da cerimônia religiosa Umbandista.



Fonte: Acervo pessoal do autor (2024).

APÊNDICE G - Fotografia (3) da cerimônia religiosa Umbandista.



Fonte: Acervo pessoal do autor (2024).

APÊNDICE H - Fotografia (1) do espaço interno do Terreiro visitado.



Fonte: Acervo pessoal do autor (2024).

APÊNDICE I - Fotografia (2) do espaço interno do Terreiro visitado.



Fonte: Acervo pessoal do autor (2024).

APÊNDICE J - Fotografia da entrada do Terreiro visitado.



Fonte: Acervo pessoal do autor (2024).

ANEXOS

ANEXO A – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Termo de Consentimento

Livre e Esclarecido

Eu, **JOCÉLIO SILVA DOS SANTOS**, inscrito no CPF: **054.156.97403**, residente à **RUA PRESIDENTE COSTA E SILVA, 42. BAIRRO: SILVINO COSTA**, na cidade de **MARI / UF: PB**, venho por meio deste instrumento autorizar o uso do meu depoimento e uso de imagens em formato escrito proveniente de minha participação voluntária na pesquisa de TCC: **O ENTRELAÇAR DA ESPACIALIDADE CULTURAL RELIGIOSA E A INTOLERÂNCIA ÉTNICO-RACIAL: Uma abordagem a partir da sintaxe espacial da cidade de MARIPB**, sob a responsabilidade de Jacksiel da Silva Maximino, junto ao Departamento de Geografia do Centro de Humanidades da Universidade Estadual da Paraíba. Tenho ciência de que o conteúdo não visa retorno financeiro.

Guarabira, 28 de Maio de 2024.

JOCÉLIO SILVA DOS SANTOS
Participante Voluntário.

Jacksiel da Silva Maximino
Pesquisador / Discente UEPB.
